

Domingo, 14 de Junho de 2020

ESTE SUPLEMENTO É PARTE INTEGRANTE DO JORNAL PÚBLICO N.º 11.008 E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

GABRIEL SOUSA

Público **P2**

# América

## O gesto da morte e da culpa

P4 a 9



# Índice

**4** Tema de capa  
América – Um acto de contrição?

**10** Ensaio  
A cidade em metamorfose

**14** Fotografia  
A pandemia causou um “buraco negro informativo”

## Não é apagar a História. É História a acontecer



**O que é meu é teu**  
**Vítor Belanciano**

**E**nquanto as revoltas de rua que se seguiram à morte de George Floyd estiveram, digamos assim, confinadas ao território americano, foi uma maravilha. Toda a gente pôde partilhar nas redes sociais o seu lado humanista. A imprensa nem por um momento discorreu sobre eventuais conflitos de saúde pública pela aglomeração de pessoas. Compreenderam-se até alguns excessos; afinal, falávamos de raiva reprimida. Havia um ambiente geral empático, talvez motivado pelo facto de ser relativamente fácil antagonizar com Trump, ou então, por existir essa ideia mítica de que isso do racismo é lá uma coisa deles, que nós aqui não temos nada disso.

O problema foi quando a indignação chegou também aqui. Começou com as manifestações do fim-de-semana, em particular com a de Lisboa, da qual resultou um vibrante sobressalto cívico. E de repente o que foi uma exteriorização sem igual foi transformada num desfile desordeiro, por causa de um ou dois cartazes marginais, e imprudente, quando muitos dos que se manifestaram têm a sua vida exposta ao risco pela pandemia (nos transportes, obras ou cadeias produtivas em que trabalham para que outros fiquem em casa) desde o início da mesma, perante o alheamento geral.

Mas não se ficou por aqui, surgindo responsáveis políticos como Rui Rio, a afirmar com bonomia que racismo em Portugal não existe, e que manifestações anti-racismo são, isso sim, o combustível do racismo. O tipo de raciocínio que Trump costuma utilizar, quando nos confrontos de Charlottesville, em 2017, pôs ao mesmo nível neonazis e quem se manifestava contra os mesmos, da mesma maneira que agora tenta colar quem está na rua a um pequeno grupo antifascista, procurando afastar as atenções sobre as origens raciais, sociais e económicas da indignação.

Agora são as estátuas. A memória colonial. Um debate que tem vindo a ser feito nos últimos anos e que só ganha em ser aprofundado, mas que aqui resvala quase sempre para as ideias de inocência ou culpa, quando o que está em causa é olhar o passado de forma plural, como ele é sempre. E, sim, isso passa por questionar representações do presente sobre o passado colonial, como no caso da estátua do Padre António Vieira, erguida em 2017. No limite, não está em causa a figura, nem o possível legado anti-racismo à luz da época em que viveu, mas sim a imagética que perpetua narrativas colonialistas e escravagistas que devem ser discutidas hoje.

Ficou nítido nestes últimos dias a grande incapacidade que Portugal ainda tem em integrar estas questões e perceber a zanga que paira no ar. E essa é que é a questão. Falamos de pessoas a quem foi prometido um futuro melhor e com menos desigualdades. Estão fartas de olhar para baixo e de sofrerem os chamados “efeitos colaterais” da economia. Querem olhar de frente o futuro e ter voz própria. Não é apenas o racismo. É um programa crítico comum em que a cultura neocolonial, patriarcal, neoliberal e a ausência de mudanças ecológicas firmes desempenham um papel central.

É um grito de mudança. Foi nisso que se transformou a morte de George Floyd. Uma luta colectiva que para milhões é a única forma de darem sentido à sua vida. E é por isso que existe tanta críspação. Criam-se novas conflitualidades e existem paradoxos e até excessos em todas estas lógicas? Inevitavelmente, porque é de desejo de renovação que falamos e de hierarquias de dominação ou de privilégio que foram naturalizadas e agora são contestadas. Há quem diga que aquilo que está a acontecer é apagar a História, mas é exactamente o contrário – é História a acontecer.

**Jornalista**

**Desalinho**  
**Cristina Sampaio**



**A seguir**

**Fim da suspensão das ligações aéreas de fora e para fora da UE**



**TAP começa a levantar voo**

A suspensão das ligações aéreas de fora e para fora da União Europeia entrou em vigor às 00h00 do dia 19 de Março e termina às 00h00 de amanhã. Com o fim desta medida, decretada por causa da pandemia de covid-19, a TAP retoma os voos internacionais e nacionais também a partir de amanhã. A companhia aérea portuguesa regressa à actividade com dois voos semanais para Nova Iorque, um para Luanda e um para Maputo e voos diários para a Madeira. A partir de 20 de Junho, sábado, a lista de destinos da TAP passa a incluir a Ilha do Sal, Cabo Verde. Os voos partem do Porto, às

22h25, com chegada ao Sal às 00h55; e, no sentido inverso, partem da ilha aos domingos, às 01h45, com chegada ao Porto às 07h55 (horas locais). Em Julho, o número de ligações da companhia aérea portuguesa deve passar para 46 – com 246 frequências semanais –, chegando depois às 68 em Agosto – com as frequências a subir para 588, seja pelas novas rotas, seja pelo aumento de voos em destinos já recuperados. Nas últimas semanas, a TAP esteve envolvida em polémica por causa da estratégia de retoma de rotas e por causa da necessidade de uma ajuda do Estado de 1200 milhões de euros.

**22** **Estar Bem**  
Crianças: explicar  
e combater  
o racismo

**23** **Crónica**  
E quase tudo  
o vento levou

**24** **Opinião**  
No país dos  
abacaxis

**Ficha técnica**  
**Director** Manuel Carvalho **Directora**  
**de Arte** Sónia Matos  
**Editor** Sérgio B. Gomes  
**Designers** Marco Ferreira e Sandra  
Silva **Email** sgomes@publico.pt

## Ainda não vimos nada!



**Grande angular**  
**António Barreto**

**É** triste confessar, mas ainda estamos para ver até onde vão os revisores da História. Uma coisa é certa: com a ajuda dos movimentos anti-racistas, a colaboração de esquerdistas, a covardia de tanta gente de bem e o metabolismo habitual dos reaccionários, o movimento de correcção da História veio para ficar. Serão anos de destruição de símbolos, de substituição de heróis, de censura de livros e de demolição de esculturas. Até de rectificação de monumentos. Além da revisão de programas escolares e da reescrita de manuais. Tudo, com a consequente censura de livros considerados impróprios, seguida da substituição por novos livros estimados científicos, objectivos, democráticos e igualitários. A pujança deste movimento através do mundo é tal que nada conseguirá temperar os ânimos triunfadores dos novos censores, transformados em juizes da moral e árbitros da História.

Serão criadas comissões de correcção, com a missão de rever os manuais de História (e outras disciplinas sensíveis como o Português, a Literatura, a Geografia, o Meio Ambiente, as Relações Internacionais...), a fim de expurgar a visão bondosa do colonialismo, as interpretações glorificadoras dos descobrimentos e os símbolos de domínio branco, cristão, europeu e capitalista.

Comissões purificadoras procederão ao inventário das ruas e locais que devem mudar de nome, porque glorificam o papel dos colonialistas e dos traficantes de escravos. Farão ainda o levantamento das obras de arte públicas que prestam homenagem à política imperialista, assim como aos seus agentes. Já começou, aliás, com a substituição do Museu dos Descobrimentos pelo Memorial da Escravatura!

**T**eremos autoridades que tudo farão para retirar os objectos antes que as hordas cheguem e será o máximo de coragem de que serão capazes. Alguns concordarão com o seu depósito em pavilhões de sucata. Outros ainda deixarão destruir, gesto que incluirão na pasta de problemas resolvidos. Entretanto, os centros comerciais Colombo e Vasco da Gama esperam pela hora fatal da mudança de nome. Praças, ruas e avenidas das Descobertas, dos Descobrimientos e dos Navegantes, que abundam em Portugal, serão brevemente mudadas. Preparemo-nos, pois, para remover monumentos com Albuquerque, Gama, Dias, Cão, Cabral, Magalhães e outros, além de, evidentemente, o Infante D. Henrique, o primeiro a passar no cadafalso. Luís de Camões e Fernando Pessoa terão o devido óbito. Os que cantaram os feitos dos exploradores e dos negreiros são tão perniciosos quanto os próprios. Talvez até mais, pois forjaram a identidade e deram sentido aos mitos da nação valente e imortal. Esperemos para liquidar a toponímia que aluda a Serpa Pinto, Ivens, Capelo e Mouzinho, heróis entre os mais recentes facínoras. Sem esquecer, seguramente, uns notáveis heróis do colonialismo, Kaúlza de Arriaga, Costa Gomes, António de Spínola, Rosa Coutinho, Otelo Saraiva de Carvalho, Mário Tomé e Vasco Lourenço.

**N**ão serão esquecidos os cineastas, compositores, pintores, escultores, escritores e arquitectos que, nas suas obras, elogiaram os colonialistas, cúmplices da escravatura, do genocídio e do racismo. Filmes e livros serão retirados do mercado.

*Republicanos,  
corporativistas,  
fascistas,  
comunistas e  
até democratas  
mostraram,  
nos últimos  
séculos, que  
se dedicaram  
com interesse  
à revisão  
selectiva  
da História,  
assim como à  
censura e à  
manipulação*

Pinturas murais, azulejos, esculturas, baixos-relevos, frescos e painéis de todas as espécies serão destruídos ou cobertos de cal e ácido.

Outras comissões terão o encargo de proceder ao levantamento das obras de arte e do património com origem na África, na Ásia e na América Latina e que se encontram em Portugal, em mãos privadas ou em instituições públicas, a fim de as remeter prontamente aos países donde são provenientes.

Os principais monumentos erectos em homenagem à expansão, a começar pelos Jerónimos e pela Torre de Belém, serão restaurados com o cuidado de lhes retirar os elementos de identidade colonialista. Os memoriais de homenagem aos mortos em guerras do Ultramar serão reconstruídos, a fim de serem transformados em edifícios de denúncia do racismo. Não há liberdade nem igualdade enquanto estes símbolos sobreviverem.

**M**uitos pensam que a História é feita de progresso e desenvolvimento. De crescimento e melhoramento. Esperam que se caminhe do preconceito para o rigor. Do mito para o facto. Da submissão para a liberdade. Infelizmente, tal não é verdade. Não é sempre verdade. Republicanos, corporativistas, fascistas, comunistas e até democratas mostraram, nos últimos séculos, que se dedicaram com interesse à revisão selectiva da História, assim como à censura e à manipulação. E, se quisermos ir mais longe no tempo, não faltam exemplos. Quando os revolucionários franceses rebaptizaram a Catedral de Estrasburgo, passando a designá-la por Templo da Razão, não estavam a aumentar o grau

de racionalidade das sociedades. Quando o altar-mor de Notre Dame foi chamado Altar da Liberdade, caminharam alegremente da superstição para o preconceito. E quando os bolchevistas ocuparam a Catedral de Kazan, em São Petersburgo, e apelidaram o edifício de Museu das Religiões e do Ateísmo, não procuravam certamente a liberdade e o pluralismo. E também podemos convocar os iconoclastas de Istambul, os Daesh de Palmira ou os taliban de Bamiyan que destruíram símbolos, combateram a religião e tentaram apropriar-se tanto do presente como do passado.

Os senhores do seu tempo, monarcas, generais, bispos, políticos, capitalistas, deputados e sindicalistas gostam de marcar a sociedade, romper com o passado e afastar fantasmas. Deuses e comendadores, santos e revolucionários, habitam os seus pesadelos. Quem quer exercer o poder sobre o presente tem de destruir o passado.

Muitos de nós pensávamos, há 50 anos, que era necessário rever os manuais, repensar os mitos, submeter as crenças à prova do estudo, lutar contra a proclamação autoritária e defender com todas as forças o debate livre. É possível que, a muitos, tenha ocorrido que faltava substituir uma ortodoxia dogmática por outra. Mas, para outros, o espírito era o de confronto de ideias, de debate permanente e de submissão à crítica pública.

O que hoje se receia é a nova dogmática feita de novos preconceitos. Não tenhamos ilusões. Se as democracias não souberem resistir a esta espécie de vaga que se denomina “libertadora e igualitária”, mergulharão rapidamente em novas eras obscurantistas.

**Sociólogo**

# América Um act

O que é que está a acontecer? Porque é que está a acontecer assim? Há algum paralelo entre este momento e as manifestações dos direitos civis dos anos 60? As perguntas sucedem-se diante de mudanças de que todos parecemos ser testemunhas sempre ultrapassadas pelos últimos acontecimentos, desde o dia em que George Floyd morreu debaixo do joelho de um polícia. Porque se ajoelha agora a América?

Por Isabel Lucas

**E**m Outubro de 1919, a população branca de Corbin, no Sul das montanhas Apalaches, estado do Kentucky, expulsou todos habitantes negros que se tinham fixado ali para construir o caminho-de-ferro entre Nashville e Louisville. Os homens brancos, regressados da guerra, queriam de volta os seus empregos e viam nos negros uma ameaça. Puseram-nos em vagões e expulsaram-nos. Corbin era então uma das cidades conhecidas como *sundown towns*, comunidades brancas que segregavam os negros através de uma combinação intimidatória de violência e leis discriminatórias. Nesses lugares, “quem fosse negro era melhor não ser visto a andar na rua depois de escurecer”, contextualiza Todd Gitlin, sociólogo, ex-activista ligado ao movimento dos direitos civis, autor do livro *The Sixties, Years of Hope, Days of Rage*, professor de Jornalismo e de Sociologia na Universidade de Colúmbia, Nova Iorque.

Um século depois, Corbin tem pouco mais

de sete mil habitantes; é a terra de onde é originário o Kentucky Fried Chicken e teve, na última semana e meia, seis manifestações a favor do movimento Black Lives Matter.

Springfield, Missouri, o lugar que marca o início da Route 66. É a maior cidade nos Ozarks; tem mais de 160 mil habitantes, 89% dos quais são brancos. Fica num reduto onde Donald Trump ganhou as eleições presidenciais de 2016 com mais de 80% dos votos. No princípio do século XX foi um dos locais onde se registaram linchamentos de negros pela população branca. No dia 30 de Maio, mais de 20.000 pessoas manifestaram-se nas ruas da cidade com as palavras de ordem do movimento Black Lives Matter.

Nem Corbin, nem Springfield aparecem nas notícias nacionais, e ainda menos nas internacionais, quando se fala da dimensão das manifestações que ocorreram na sequência do assassinio de George Floyd, no dia 25 de Maio. Corbin e Springfield surgem aqui porque Todd Gitlin quis saber até que ponto o movimento gerado a partir da morte de



# to de contrição?

DUSTIN CHAMBERS/REUTERS



Floyd está a “transformar” o país. “Vi uma notícia num jornal local e quis entrevistar a *mayor* de Corbin”, referiu Gitlin ao P2. A *mayor* chamam-se Suzie Razmus e é a primeira mulher à frente daquela cidade. “[É] uma branca que se descreveu a mim como uma centrista de coração”, continua o Todd Gitlin. “Disse-me que se sentiu desolada diante do assassinio de George Floyd, contou que a polícia local participou em duas dessas manifestações e que o chefe da polícia se ajoelhou a rezar na primeira noite em que houve protestos contra a violência policial e contra o racismo.”

Os dois exemplos, Corbin e Springfield, servem também a Todd Gitlin para arriscar uma afirmação: “Estamos a passar por uma transformação cultural, algo a que é muito raro assistir.” Poucos dias antes, a politóloga Lilian Mason, da Universidade do Maryland, fizera uma afirmação semelhante, ao dizer que os Estados Unidos estão no meio de uma grande transformação. Estão também entre duas narrativas contraditórias acerca do que está a acontecer após a morte de George Floyd. Se para uns é o culminar de anos de tensão ainda mais potenciada por um contexto de pandemia, para outros a reacção ao assassinio em Mineápolis não é mais do que a radicalização violenta de um protesto, como assinalou Thomas E. Edsall num artigo recente de opinião publicado no *New York Times* com o título *How much is America changing?* A ilustrar as duas posições, Edsall dava como exemplos as palavras de uma das fundadoras do movimento Black Lives Matter, Opal Tometi, e as do senador republicano do Texas Ted Cruz. Para Tometi, este é um momento diferente de todos os momentos de protesto anteriores; para Cruz existe um aproveitamento “cínico” de radicais. Edsall enumera testemunhos de especialistas para mostrar a singularidade deste tempo e escreve: “Os Estados Unidos estão numa encruzilhada racial e política. Os protestos nas últimas duas semanas em resposta a um conjunto inter-relacionado de questões e de acontecimentos – o assassinio de George Floyd, a brutalidade policial, a pandemia da covid-19, uma nação em confinamento, desemprego, uma economia devastada e uma eleição presidencial – dão origem a uma pergunta-chave. Irá emergir, fortalecida, uma coligação democrata de minorias e de liberais brancos?”

É só mais uma pergunta complexa a surgir da análise imediata à sucessão de acontecimentos que têm abanado o sistema político, social, cultural, de segurança e alinhamento de forças nos Estados Unidos, qualquer coisa “impensável” há duas semanas, como sugere Todd Gitlin. Outra pergunta é: até que ponto estes acontecimentos podem ser interpretados como uma repetição dos protestos dos anos 60, os que se sucederam à morte de Martin Luther King Jr. e levaram milhões de pessoas às ruas das principais cidades dos Estados Unidos, dando origem a uma perplexidade contida no tema de 1971 de Marvin Gaye, *What’s going on*. Foi há quase 50 anos e as palavras continuam a ecoar como fazendo parte da indignação deste presente: “*Mother, mother/ There’s too many of you crying/ Brother, brother, brother/ There’s far too many of you dying/ You know we’ve got to find a way/ To bring some lovin’ here today.*”

Se não há resposta para a pergunta suscitada por Edsall, Todd Gitlin arrisca uma resposta à segunda questão: estamos a reviver o ano de 1968 na América? “Sim, há qualquer coisa de 1968 em 2020. Mas a sinapse de 1968 simplifica bastante. A revolta agora em curso in-



dica um movimento muito mais popular e difundido que lembra a grande onda contra a Guerra do Vietname em Outubro e Novembro de 1969, sob a égide de um movimento chamado *Moratorium*, que, no meio da indignação, gritou: “*Enough!*” As palavras vêm num artigo que publicou esta sexta-feira no *Washington Post*. No título, lê-se: “Isto não é 1968. Isto é 1969!” Ao P2 diz: aquilo a que estamos a assistir tem mais semelhanças com as manifestações contra a guerra do Vietname que envolveram dois milhões de pessoas e ocorreram por todo o lado, desde pequenas cidades, grandes metrópoles, politicamente heterogêneas, a maioria brancas, e que tiveram grande efeito no regime de Nixon. Outra coisa muito similar é que hoje – e isso foi para mim surpreendente – a opinião pública apoiou as manifestações de uma forma extraordinária, embora se tenha oposto aos saques e aos motins.”

“Basta!” é, segundo Gitlin, o que as pessoas estão a dizer quando começaram a sair à rua no dia 26 de Maio de 2020 e o que as continua a fazer sair, numa reacção que todos os dias traz novidades, neste início de Junho.

### Um mundo diferente

Ao sexto mês do ano 2020, “o mundo é diferente”, diz Aamir Mufti. Diferente do que era em Janeiro ou do que era antes do dia 25 de Maio, quando um polícia pôs o joelho no pescoço de George Floyd e o manteve lá durante quase nove minutos. Uma adolescente de 17 anos filmou com o telemóvel e o vídeo foi visto por milhões de pessoas em todo o mundo que ouviram o homem de 46 anos implorar para que o polícia Derek Chauvin aliviasse a força. *I can’t breathe, I can’t breathe*; alguém contou que ele repetiu a frase 16 vezes até que o seu lamento deixou de ser audível. “O que se seguiu é absolutamente extraordinário. Pela rapidez, pela dimensão, pelo que já causou, por ser muito des-

“*Já tínhamos assistido a mortes violentas às mãos da polícia, mas na reacção à morte de George Floyd o vídeo teve extrema importância. É tão pavoroso!*”  
Todd Gitlin



centralizado”, refere o professor de Literatura Comparada na Universidade de Los Angeles, UCLA, paquistanês, antropólogo, crítico pós-colonial.

Todd Gitlin e Aamir Mufti vivem e ensinam em extremos opostos dos Estados Unidos. Gitlin na Costa Leste, em Nova Iorque, Mufti na Costa Oeste, em Los Angeles. Um e outro concordam que em duas semanas houve mais mudanças no modo de olhar o racismo e a violência policial do que em anos de luta. O que aconteceu? Porquê é que aconteceu? George Floyd morreu e as imagens da sua morte causaram uma perplexidade silenciosa que explodiu primeiro nas ruas de Mineápolis e depois nas ruas das grandes cidades americanas, até ter uma dimensão praticamente global de indignação contra a violência da polícia, mas sobretudo contra o que muitos chamam “racismo sistémico” no Estados Unidos, onde um negro tem três vezes mais probabilidades de morrer às mãos de um polícia do que um branco nas mesmas circunstâncias.

Estes números têm aparecido sublinhados nas primeiras páginas dos jornais americanos e feito eco com testemunhos partilhados nas redes sociais e em programas de televisão de grande audiência, como o *Daily Show*, de Trevor Noah. Entre eles está um vídeo em que a escritora e activista de Brooklyn Kimberley Jones traça, de forma apaixonada, a história da escravatura da América para explicar as manifestações, os saques, os motins, defendendo que mais do que perguntar o que estão essas pessoas a fazer nas ruas a pergunta deve ser porque é que essas pessoas foram para as ruas. “Como é que se pode vencer”, pergunta, já no fim, “quando o jogo está viciado?”, “quando o contrato social foi quebrado?” E resume: “O que os negros procuram é igualdade, não é vingança.” A estrela de basquetebol LeBron James deixou-lhe, entretanto, uma mensagem no Twitter: “*I’m here for you!*”

CARLOS BARRIA/REUTERS



## Todos juntos nisto

A 30 de Maio, Aamir Mufti publicava na sua página de Facebook imagens de incêndios e de pilhagens no bairro onde vive, Melrose Avenue, Hollywood, Los Angeles, a cidade dos motins de 1992, depois de um júri ilibar quatro polícias da responsabilidade pelo espancamento brutal de um motorista negro, Rodney King. Estaríamos diante de uma repetição?, com a palavra “repetição” a soar como uma sucessão de acontecimentos violentos sem que nada mude.

Da sua varanda, Mufti pressente uma diferença. “Melrose Avenue é uma avenida bastante comercial e tornou-se uma das rotas principais destes protestos”, conta, dando um retrato da cidade famosa por não ter propriamente um centro e se caracterizar pela sua grande dispersão. Em 2020, Los Angeles também não centrou os protestos numa zona específica. “Não há um lugar único para os protestos em LA. Como tudo nesta cidade, são descentralizados. Tem havido manifestações na chamada ‘Baixa de LA’ mas também em Hollywood Boulevard, Sunset Boulevard e aqui, em Melrose, perto da nossa casa. Quase todos os dias podemos ver as marchas pelas ruas, muitos jovens, e depois daquela primeira noite de violência tem sido tudo muito pacífico.”

Na primeira semana de protestos foram detidas mais de dez mil pessoas nos Estados Unidos, com Los Angeles a contabilizar mais de um quarto das detenções, seguindo-se Nova Iorque, Dallas e Filadélfia; a maior parte por “ofensas menores” e “pequeno delitos”. Continua Mufti: “Os manifestantes têm maneiras muitas criativas de protestarem. Houve uma marcha de bicicletas e muitas palavras de ordem cantadas. Muitas lojas fecharam outras taparam as janelas e as portas com placas de madeira e os proprietários contrataram artistas de *graffiti* para pintarem essas placas para que não sejam vandalizadas. Noutra dia

## Consternação, tristeza e raiva

Nas páginas anteriores, polícias ajoelham-se em frente a manifestantes em homenagem a George Floyd, em Atlanta. À esquerda, manifestantes com a bandeira americana ao contrário no Minnesota. Em cima, protesto em Mineápolis, três dias depois de Floyd ter sido asfixiado até à morte por um polícia, no dia 25 de Maio naquela cidade

estava uma verdadeira armada de artistas de *graffiti* no passeio a pintar essas placas.”

Melrose Avenue já é conhecida como uma montra para muitos artistas de rua da cidade. Agora também nisso ganhou uma nova simbologia, quando tanta gente anda a tentar ler símbolos de mudança. Mufti não é diferente. “É uma geração nova, é uma luta diferente de algum modo, e o extraordinário é que nos protestos há muitas etnias, estão muitos brancos. Digo-lhe sem qualquer espécie de reserva ou sem ter de explicar porque é que estão lá. É muito natural para eles estarem lá, negros, hispânicos, asiáticos, brancos, todos juntos nisto.”

E como é que “isto” ganhou esta dimensão? “É difícil dizer”, refere Todd Gitlin. Quanto à dimensão e também à diferença entre estes protestos e manifestações anteriores de repúdio contra a violência policial. “A minha suposição é que um dos efeitos deste coronavírus, desta pandemia, foi o de revelar a muitas pessoas a importância de se comportarem em nome do bem comum, o que se expressa, por exemplo, quando se sai à rua com uma máscara para proteger outras pessoas. Acho que há uma espécie de sentimento de solidariedade latente que ajudou a alimentar isto. É a minha intuição. Outra coisa: já tínhamos assistido a mortes às mãos da polícia, mortes violentas que foram divulgadas e contestadas,

mas na reacção à morte de George Floyd o vídeo teve extrema importância. É tão pavoroso! E é invulgar ver um assassinio ocorrer diante dos nossos olhos. Vimos muitos vídeos que mostram segmentos diferentes de um processo, mas aqui ele aparece em toda a sua extensão. O efeito das imagens não vem do nada. Há uma população que já está a ser escrutinada por Trump e alerta para o facto de esta ser uma oportunidade de se verem livres dele em poucos meses. Isso encoraja”, lembra, quando faltam cinco meses para as eleições presidenciais em que os americanos irão escolher entre o actual Presidente, o candidato republicano, e Joe Biden, que corre pelos democratas.

Gitlin, como Mufti, sublinha o carácter não violento que as manifestações assumiram depois dos motins iniciais. “Muitas pessoas em

muitas manifestações interromperam os saques, os motins e mantêm-se não violentas. Isso ajuda a simplificar o sentido de um bem moral, uma vez que os garantes desse bem se têm demitido da sua função. A polícia e muitas vezes a Guarda Nacional promovem claramente a violência, e Trump é um promotor de violência.”

Todd Gitlin refere-se ao modo como Donald Trump tem gerido os protestos que se seguiram à morte de George Floyd. Quis dar uma resposta militarizada aos manifestantes, acusando os governadores de incapacidade de conter os distúrbios, uma atitude que encontrou oposição dentro dos próprios militares. O chefe das Forças Armadas, Mark A. Milley, já veio, entretanto, lamentar publicamente ter acompanhado o Presidente na caminhada pela Praça Lafayette até à Igreja de S. João, conhecida como a “igreja dos presidentes” em Washington. “A minha presença naquele momento e naquele ambiente criou a percepção de que o Exército estava envolvido em políticas nacionais”, disse. Pelo caminho elementos da Guarda Nacional fizeram dispersar manifestantes pacíficos com recurso a gás lacrimogéneo. Nesse dia Trump fez-se fotografar segurando uma Bíblia, gesto visto por muitos líderes religiosos como uma tentativa de instrumentalizar a religião e de dividir o país. Trump não apareceu como um conciliador. O seu ex-secretário de Estado da Defesa Jim Mattis, que se demitiu em 2018, acusou Trump disso mesmo: dividir o país e, poucos dias depois, o republicano Mitt Romney estava entre os manifestantes em frente à Casa Branca a gritar “Black lives matter!”

As más notícias para o Presidente não terminavam aí. Collin Powell, ex-secretário de Estado de George W. Bush, anunciava o seu apoio a Joe Biden nas presidenciais deste ano. Depois da polémica gestão da pandemia, Donald Trump voltava a desiludir muitos na condução do caso George Floyd. Na quinta-feira, dia 11, as sondagens davam-no dez pontos atrás de Biden nas intenções de voto das eleições de 3 de Novembro. Foi também a semana em que os democratas apresentaram uma proposta de reforma da polícia com os congressistas a replicar o gesto que está a tornar-se um símbolo do movimento Black Lives Matter: um joelho no chão.

## De joelhos

“O que pode conter um gesto como este?”, indaga Aamir Mufti, recordando o momento em que ele ficou associado à luta dos negros na América. Foi em 2016. Deve-se a Colin Kaepernick, *quarterback*, que actuava na NFL, a liga de futebol americano. Num dos jogos, Kaepernick pôs um joelho no chão no momento em que tocava o hino nacional, em vez optar pelo gesto tradicional de ficar de pé, com a mão direita no coração. Muitos acusaram-se de ser um traidor à pátria, incluindo Donald Trump. Kaepernick não joga desde 1 de Janeiro de 2017, nenhuma equipa quis contratar um atleta que se mostrara desrespeitoso com a América. Mas o que pretendeu Colin Kaepernick quando pôs o joelho no chão? Nate Boyer, antigo soldado americano na guerra do Iraque, contou ao *New York Times* que Kaepernick, jogador dos Seattle Seahawks, pediu que o aconselhasse sobre que tipo de atitude adoptar para chamar a atenção, antes do jogo, para a violência racial nos Estados Unidos. Boyer diz que foi pesquisar e encontrou uma imagem de Martin Luther King Jr. ajoelhado e a rezar, em Selma, no Alabama, numa acção de protesto na década de 60. Contou →

“  
Nos protestos há  
muitas etnias, estão  
muitos brancos. (...)  
É natural para eles  
estarem lá, negros,  
hispânicos,  
asiáticos, brancos,  
todos juntos nisto  
Aamin Mufti

ainda que se lembra de se ter ajoelhado no cemitério de Arlington em homenagem aos colegas mortos na guerra. Disse então a Kaepernick que, se não quisesse ficar de pé, a única alternativa seria ficar de joelhos naquele jogo frente ao San Diego Chargers. Colin Kaepernick pôs o joelho no chão e o que se seguiu foi a ira dos adeptos da NFL, com Trump a pedir aos donos da equipa onde Kaepernick jogava para o tirar de campo. Não voltou a jogar. Agora os donos da equipa vieram pedir-lhe desculpa.

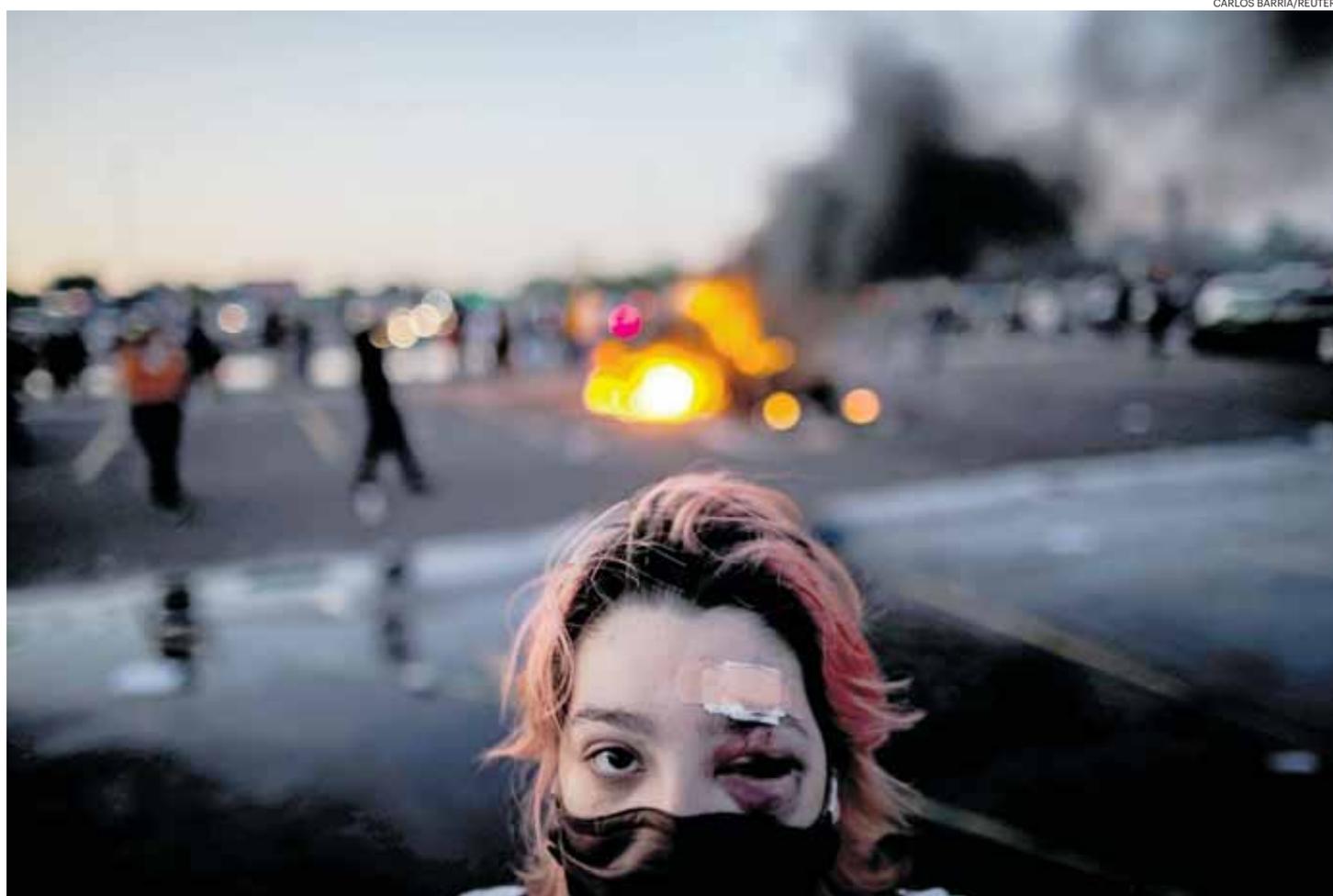
“Quando um jovem negro põe o joelho no chão quando toca o hino, significa que não tem o mesmo acesso àquele hino e àquela bandeira que têm outros jogadores brancos”, diz Aamin Mufti. “Ele disse que não estava a desrespeitar a bandeira, mas que não tinha o mesmo acesso a ela; não é a bandeira dele no mesmo sentido em que é a bandeira dos seus colegas brancos. O que ele está a dizer é que os negros e as pessoas racializadas em geral não podem reclamar a bandeira como sua da mesma maneira e com o mesmo conforto que os colegas brancos americanos. Será qualquer coisa assim.” E o que significa quando um polícia branco mata um homem negro com o mesmo gesto, quando entre o chão e o joelho há o pescoço de um homem e a mão do polícia está no bolso?

Que significado tem quando os polícias fazem o mesmo? “O facto de o polícia ter assassinado George Floyd com um joelho torna tudo mais simbolicamente poderoso”, refere Todd Giglin.

É um gesto de consternação, de tristeza, de contrição, que ganhou novos significados desde 25 de Maio de 2020. Passou a conter o horror, punição, vergonha. “Será também uma demonstração de remorso”, afirma Aamin Mufti. “Talvez passe a fazer parte da história dos Estados Unidos, e da história da escravatura, e de Jim Crow, que transporta a história da violência nos Estados Unidos”, continua lembrando as leis que contornaram a abolição da escravatura depois da guerra civil. Jim Crow era o nome usado para ridicularizar os negros e foi o nome dado às leis que, promulgadas no final do século XIX e início do século XX, impunham restrições à população negra em seis estados do Sul, os estados confederados – Alabama, Mississípi, Carolina do Sul, Geórgia, Florida e Louisiana – que mantinham uma política escravagista depois de Abraham Lincoln vencer a guerra civil em 1960. Liderados por democratas, os confederados não aceitavam a política abolicionista do republicano Lincoln. Um ano depois ele declarava a Confederação inconstitucional, mas os estados continuaram a aplicar as suas leis. Num artigo publicado na revista *Atlantic*, Anne Applebaum conta a história de uma tradição que se quebrou quando os republicanos deixaram de apoiar polícias anti-segregacionistas. “A história irá julgar os cúmplices”, lê-se no título.

### Euforia, incerteza e escape

Voltamos ao gesto e a Mufti. “Há uma imensidão de significados num gesto. Na sua ritualização é um gesto genial. Gostaria que houvesse um movimento forte de compreensão desse gesto e de Colin Kaepernick”, acrescenta Mufti, que está a estudar a extrema-direita nos Estados Unidos e vê nos acontecimentos recentes uma “reação à ascensão da extrema-direita neste país”. E prossegue: “Há um movimento multicultural, multirracial de uma população jovem que simplesmente está presente no espaço público con-



CARLOS BARRIA/REUTERS

### Na rua em protesto

Em cima, marcas dos confrontos com a polícia em Mineápolis, EUA. Logo depois do assassinio de George Floyd, sucederam-se por todo o país protestos anti-racismo e contra a violência policial. Ao lado, manifestação na Trafalgar Square, Londres — os protestos alastraram-se pelo mundo

tra um racismo que se tem tornado proeminente com o aparecimento de Trump e da extrema-direita.” Aamin Mufti conta que segue as redes sociais, acompanha os discursos dos líderes desses movimentos radicais de direita e diz: “Estão desesperados, em especial os mais velhos que têm estado naquilo a que chamam ‘o nosso movimento’ há muitas décadas, desde os anos 70 e 80. São pessoas de 60 e 70 anos que se sentiram bastante encorajadas nos últimos tempos com o surgir de uma nova extrema-direita, jovens que apareceram como que do nada e chegaram aos mais velhos através de conferências e eventos, produzindo conteúdos *online*. Essas pessoas mais velhas que se sentiam isoladas durante décadas, de súbito estavam no centro desse vasto movimento de gente mais nova que os tratava com reverência, enquanto os anciãos do movimento, pessoas que mantiveram vivos os ideais do nacionalismo branco.” Mufti dá como exemplo desse perfil Jared Taylor, líder do grupo chamado American Renaissance. “Está no activo desde os anos 90 e tornou-se uma espécie de celebridade internacional para os jovens nacionalistas brancos na Europa e em todo o lado. E agora aconteceu isto.”

“Isto” está ainda por nomear. “No princípio acusaram os manifestantes de serem negros violentos, mas à medida que os protestos continuaram e se percebeu que há muito



TOBY MELVILLER/REUTERS

“**O que os negros procuram é igualdade, não é vingança**”  
Kimberley Jones

mais brancos do que negros ou hispânicos nesse protesto e que ele se alastra a todo o país, a cidades e a estados maioritariamente conservadores, percebe-se que está qualquer coisa extraordinária a acontecer.” Mufti diz “isto” e sublinha o facto de tudo “isto” ser liderado por uma geração muito nova. “Tenho estado a ensinar ao longo deste tempo de confinamento, e no contacto diário com os mais novos percebo que muitos estão a viver momentos extremos; retirados das residências universitárias, dos dormitórios, muitos estão a dormir no sofá de amigos, meio sem-abrigo, em situações incrivelmente difíceis. Outros estão a assistir às aulas e a trabalhar em tarefas essenciais, para ajudar as famílias, porque muitos pais perderam os empregos. Acho que muita da euforia vem daí, porque há também um ambiente de euforia nos que protestam, uma espécie de alegria inerente ao escape da reclusão que ga-

LINDSEY WASSON/REUTERS

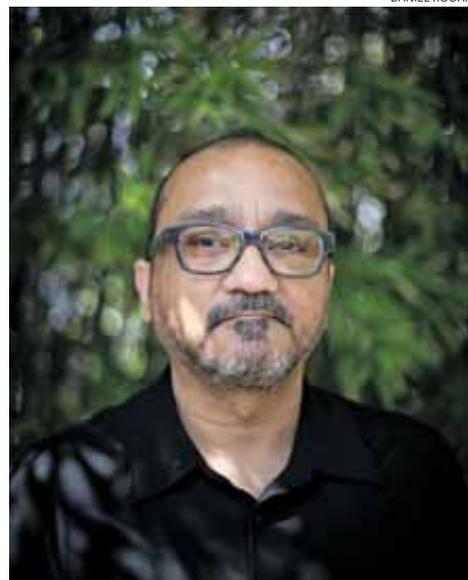


nha outra dimensão quando se faz acompanhar por uma sensação de encarceramento e uma sensação de incerteza, total incerteza acerca do futuro. Os mais jovens estão zangados e têm todo o direito de estar. Por isso este, como em qualquer movimento social, não é motivado por um caso isolado; há muitas questões envolvidas.”

Em Nova Iorque, Todd Gitlin também sublinha o facto de serem jovens, muito jovens, e de maioria branca, os que marcham empunhando o *slogan* “As vidas negras importam”. E esse é outro aspecto distintivo das manifestações dos anos 60. “O espírito é o mesmo”, defende, “mas nos anos 50 e 60 o movimento era impulsionado pelas acções de negros, antes de tudo, mas com muito apoio de brancos.” “No entanto, muita gente não entende que a maior parte dos americanos naquele momento não queria novas leis de direitos civis e não gostava do Movimento dos Direitos Civis, em geral. Eram hostis a ele. Tal agora não é verdade. O país mudou e isso vê-se na opinião pública. Quando Martin Luther King foi assassinado, era bastante impopular na América; era um herói para pessoas como eu, mas globalmente era visto como um perigoso agitador. A atmosfera é diferente. O movimento dos direitos civis cavalgou uma maré de apoio político de republicanos e democratas. O Partido Republicano na altura não era um partido racista – aliás, a maior parte dos racistas estavam no Partido Demo-

### “É bom que saiam”

Em cima, manifestantes dispersam depois de terem sido atingidos com gás lacrimogéneo e gás pimenta em Seattle, durante os protestos anti-racismo. “É bom que saiam, que vão para a rua desta forma aberta para que todos possamos ver que o racismo existe”, diz Aamin Mufti, em baixo



DANIEL ROCHA

crata. Actualmente, toda a configuração política é dramaticamente diferente. Acho que isso ajuda a explicar o fenómeno extraordinário como a decisão da NASCAR de retirar a bandeira da Confederação, ou a reacção de instituições como universidades, sindicatos, empresas. Mesmo os mais críticos, ninguém quer ser olhado como indiferente em relação ao racismo. E, quando digo racismo, digo tanto o racismo violento, brutal, como o que vem de uma indiferença accidental.” “Estamos”, salienta, “num país onde o racismo é fundador.” Repete: “Nos Estados Unidos o racismo é fundador: acho que não se pode dizer que o racismo seja fundador em França, Espanha ou Portugal.”

### O “impensável”

Estamos apenas no princípio de tudo, vão avisando. Há cautela nas leituras dos sinais, dos símbolos. Em duas semanas aconteceu o que chamam “impensável” num ano decisivo. O ano da pandemia, o ano em que a economia mundial fechou por causa de um vírus, o ano em que os Estados Unidos voltam a eleições com uma liderança bastante beliscada, interna e externamente.

Nesta altura Mufti faz um desabafo. “Posso?”, pergunta. E sem esperar resposta: “Os meus colegas da universidade reclamavam muito, lamentavam acerca de como as humanidades se estavam a tornar irrelevantes. So-

mos mais relevantes do que nunca. Acho que a academia, as universidades, as humanidades e as ciências sociais podem ganhar algum crédito pelo facto de haver um entendimento tão generalizado entre os brancos da existência de racismo e de violência racial, de desigualdade racial, discriminação e por aí fora. Toda a linguagem crítica que se aprende a desenvolver em humanidades é crucial para entender isso.”

E volta aos estudantes, são o seu barómetro para o que se está a passar. “Vi nas últimas duas semanas nas minhas aulas o modo como estes jovens respondiam a estes acontecimentos, o modo como os estão a ver; há uma clareza na sua visão do que está a acontecer, sobre o papel da polícia, sobre o que é o racismo na América e não vejo neles o que se pode chamar ‘culpa liberal’. É apenas zanga, a noção de que tudo isto está errado e de que não é isto que querem que o mundo seja. É uma zanga justificada. Com uma culpa liberal branca idiota não creio que vissemos o tipo de activismo que estamos a ver, as pessoas a porem os seus corpos na linha de fogo, a partirem para a acção nas ruas; literalmente, a redefinir o que deve ser o espaço público. É um momento muito entusiasmante. É bom que saiam, que vão para a rua desta forma aberta para que todos nós possamos ver que o racismo existe. Já vimos muitas vezes que culturalmente sair para o espaço público não é mau. É bom.”

# A cidade em metamorfose

**Ensaio** Apesar da repetição exaustiva da frase “nada será como dantes”, para o geógrafo e economista João Seixas, os tempos trazidos pela pandemia são mais de urgência do que de transformação. No entanto, à medida que o desconfinamento acontece, cresce a vontade de discutir modelos alternativos de progresso para as cidades

Por João Seixas



DANIEL ROCHA



## 1. A pandemia

**A** pandemia teve um enorme impacto nas vidas e paisagens das nossas cidades. O confinamento fechou escolas, empresas, serviços públicos, teatros, hotéis. Muitos espaços públicos e linhas de transporte ficaram repentinamente desertos. O que mais valorizamos nas cidades – conexão e relacionamento, emprego e segurança, conhecimento e cultura – parece ter sido bloqueado neste período. Mas a realidade não é assim tão simples. Os bairros

residenciais continuaram a pulsar de vida humana – agora dentro das casas. Serviços essenciais como desde logo na saúde, mas também no fornecimento de água e no saneamento, na recolha do lixo, nos transportes e comunicações, mantiveram uma notável e fundamental actividade. Nas coroas metropolitanas, os produtores agrícolas e muitas áreas logísticas e de distribuição continuaram a trabalhar em pleno. Milhões de professores, alunos, quadros técnicos e não técnicos mantiveram-se ligados. Se bem que em ambientes e tempos repentinamente estranhos, vertiginosos, atabalhoados.

Muitos outros não se adaptaram, nem puderam. Os que já viviam numa dependência e precariedade que vinha de trás – laboral, habitacional e familiar – e sem qualquer possibilidade de alterar as suas circunstâncias. A resiliência, a capacidade de reacção e, no fundo, a coesão e a maturidade de um organismo, visto no seu todo, reconhecem-se bem nestas situações.

## 2. Os tempos

Estes têm sido tempos de urgência, mas não de transformação – embora todos os tempos, incluindo os longos tempos

## “Fugir da cidade”

À esquerda, Praça do Comércio (Lisboa) vazia durante os primeiros dias do estado de emergência. Em cima, casario de Alfama, coração da capital e um dos bairros que mais transformações sofreram nos últimos anos. Para João Seixas, “se os receios pandémicos se mantiverem, alguns terão tendência a ‘fugir da cidade’”

DANIEL ROCHA



pré-covid, sejam contribuintes do tempo futuro. À medida que se vai mitigando o tempo da urgência abruptamente caída sobre nós, e se sucede um gradual desconfinamento da vida quotidiana, torna-se incontornável a necessidade de pensar os modelos de progresso que desejamos para as cidades do futuro. E de posicionarmos estratégias mais consistentes para os tempos longos de transformação.

O “nada será como dantes” dito por tantos mostra mais sobre os anseios e questionamentos preexistentes do que sobre as efectivas tendências de evolução da realidade. Mas estes anseios e

questionamentos têm sido desde sempre componentes centrais da evolução humana: no pensamento, na crítica, na acção. A pandemia e os seus efeitos acentuaram as enormes contradições e as insustentabilidades dos modelos de progresso vigentes. Tem sido manifesta a desigualdade dos impactos da pandemia, quer ao nível sanitário quer ao nível social e económico. Mas este baque também posiciona importantes propostas e práticas inovadoras – que vinham de trás e se tornavam cada vez mais consolidadas – de modelos alternativos de progresso socioeconómico e ecológico. E urbano.

### 3. O divórcio

A “questão urbana” tornou-se central para as grandes questões da humanidade. Porque esta cada vez mais vive, e pretende viver, em cidades. Porque os padrões de vida, de trabalho, de coesão, de consumo e de mobilidade nas cidades definirão o futuro socioeconómico e ecológico do próprio planeta. As cidades são razão e causa dos modelos de progresso, desde que há quase dez mil anos permitiram a Revolução Agrícola. Mas esta é uma história humana e, como tal, sempre diáfana. Hoje, as áreas urbanas, locais de conhecimento, inovação e

cultura, são responsáveis por dois terços dos consumos energéticos mundiais e por 75% das emissões de CO2. São onde se concentram os maiores níveis de poluição bem como dos maiores riscos face às alterações climáticas. É nas grandes cidades e metrópoles que se continuam a concentrar os maiores investimentos económicos e culturais, bem como contínuas vagas de migração e de crescimento demográfico; mas é igualmente nestas que existem as maiores concentrações de pobreza e que os níveis de desigualdade são mais agudos.

Por estas razões, as cidades têm-se tornado actores cada vez mais influentes no





DANIEL ROCHA

xadrez da geopolítica global. Têm a capacidade de mudar o mundo. Vimos, porém, de várias décadas em que se tem sucedido o que o sociólogo norte-americano Richard Sennett chamou divórcio entre a *ville* (a cidade física e urbanística) e a *cit * (a cidade social e política). A política urbana e, sobretudo, o urbanismo, que durante um século inteiro se consolidaram como das alavancas mais poderosas de providência, de bem-estar social e de progresso econ mico, encontram-se hoje consideravelmente desfasados dos pulsares e das necessidades das cidades. A especializa o segregadora de diversos territórios – da turistifica o intensiva dos centros urbanos   explora o igualmente intensiva do mundo rural – tem sido sustentada por uma globaliza o econ mico-financeira com grandes desequil rios políticos e fiscais. Em termos geográficos, a sequência da crise financeira de 2008 e a revolu o digital mudaram as agulhas de uma contínua explosão metropolitana para ritmos muito mais complexos de implosão espacial e temporal. Colocando as vidas urbanas – tanto individuais como colectivas – perante crescentes ambivalências. Ambival ncias entre espaço público e espaço privado, entre trabalho e família, entre consumos e poupanças, entre liberdades e seguranças, entre direitos e deveres. Ambival ncias de ordem quotidiana ligadas a ambivalências de ordem planetária: globaliza o e insustentabilidade, cosmopolitismo e precariedade, presente líquido e futuro nebuloso.

#### 4. O impasse

Mas apesar das evidências e das propostas alternativas cada vez mais consistentes – sobre a ecologia e as altera es climáticas, sobre as desigualdades e a qualidade de vida, sobre uma economia mais verde e mais justa, sobre a activa o de redes solidárias e comunitárias –, tem-se mantido uma grande dificuldade de renova o da política urbana e de partilha de ideias de futuro. Muitas decisões políticas e econ micas mant m-se sustentadas em lógicas positivistas e crescentemente contestadas, mesmo que envolvidas de alta tecnologia e de elevados níveis de investimento público e privado. A “tragédia dos comuns” surge agora plenamente globalizada e transversalizada. As mudanças são oblíquas ou vertiginosas,

fermentadas pelas muito emocionais redes sociais e originando percep es sociais fractais mas cada vez mais intensas, que conjugam ansiedade e insatisfa o com expectativa e reac o. Terrenos férteis, portanto, tanto para novos populismos e tribalismos, como para novas capacidades sociais e políticas.

#### 5. A reac o

E eis que surge nestas crescentes e ambíguas arritmias uma *panne* de origem e dimensão completamente inesperadas. A pandemia veio colocar uma nova camada às pressões e ansiedades que vinham de tr s. E agora, voltamos às arritmias e ambiguidades de antes? Ou conseguiremos aproximar princípios, direitos, oportunidades? Com a pandemia, para além de todos os serviços essenciais que, directa ou digitalmente, não pararam, vimos surgir por todo o lado uma multiplica o de redes de solidariedade e de reac es empresariais. Na aten o aos mais vulneráveis, nos serviços domiciliários, nos “circuitos curtos” de apoio, nas propostas de novos produtos e serviços. Mostrando a latência de novos ecossistemas de ac o social e econ mica, ainda em forma o orgânica, mas cada vez mais consistente. E mostrando também a capacidade de renova o da organiza o da cidade e da sociedade.

#### 6. A vida urbana

As transforma es no trabalho e nos consumos irão originar graduais transforma es urbanas. O teletrabalho será parte cada vez mais integrante da vida profissional, e as comunica es digitais serão também impulsionadas nas esferas privadas. Tanto ou mais do que *estar em movimento*, será essencial *estar ligado*. Como tal, as infra-estruturas de comunica o e a universaliza o digital tornar-se-ão vitais. Esta tendência pesada – que já vinha de tr s, mas que agora se acentuar  – irá alterar os usos das regiões urbanas, os seus habitats, as suas mobilidades. Se os receios pand micos se mantiverem, alguns ter o tendência a “fugir da cidade”. Mas ao contrário do que poderia parecer, também se desenvolverão possibilidades novas e interessantes para as zonas urbanas, pois poderão valorizar a proximidade e as escalas mais curtas e de quotidiano. Diminuindo anteriores



MIGUEL MANSO



tendências de especializa o de muitas zonas e permitindo novas possibilidades de mistura funcional e de diversidade nos mais diversos bairros, dos centros mais históricos às periferias mais afastadas. Embora nestas, e nos muitos bairros precários ainda existentes, se imponha a necessidade de vigorosos programas de regenera o urbana e de inclusão socioecon mica.

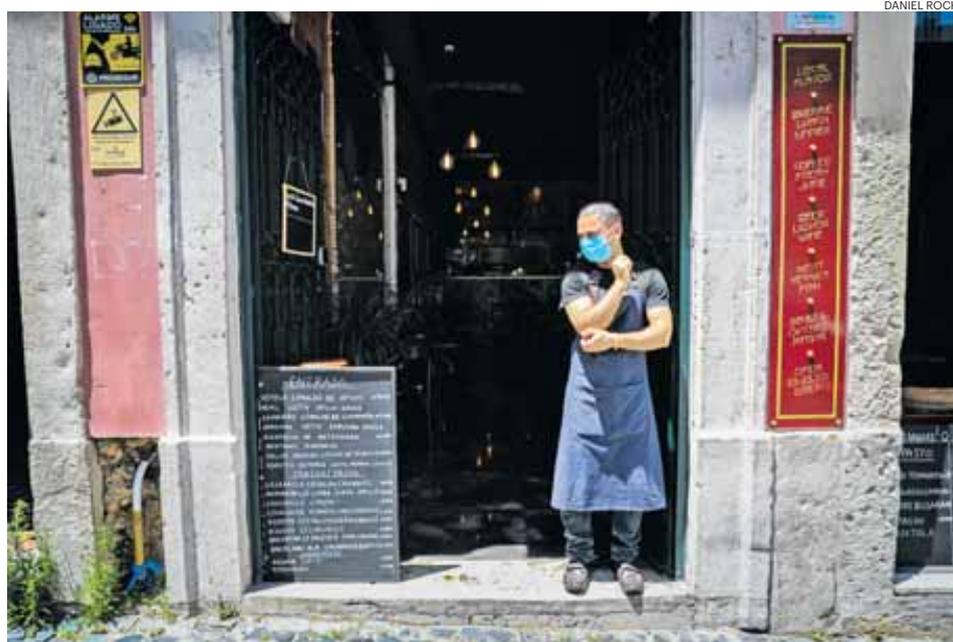
Estas são, por seu lado, tendências que aparentam deixar as estruturas de transportes e de mobilidade em crise de posicionamento ou mesmo de identidade. Mas tal será apenas se entendermos estas vitais estruturas através dos velhos padrões de mobilidade. Se acompanhada por políticas firmes, a mobilidade tenderá a ser mais disponível, mais articulada e menos poluente. Criando-se aqui, por sua vez, uma oportunidade histórica de transforma o

profunda dos espaços públicos. Reduzindo-se de forma drástica o espaço para o automóvel privado e regenerando-se milhares de vias em ambientes mais humanos e ecológicos. Uma transforma o que poderá sustentar, por sua vez, múltiplas novas actividades econ micas, mais ligadas tanto ao local como ao global.

A possibilidade de usos mais multifuncionais também poderá transformar as infra-estruturas e os equipamentos – escolas, universidades, institui es públicas, esta es de metro, teatros, até mesmo centros de saúde e hospitais – abrindo-os para um mundo de novas capacidades. O urbanismo deixando de ser gerido por visões cartesianas de provisão funcional e maturando-se para uma gestão estratégica da complexidade urbana, no espaço e no tempo. Hoje há ferramentas de



NELSON GARRIDO



DANIEL ROCHA

ambientes naturais. Dimensão igualmente significativa é a alimentação, e várias cidades europeias têm desenvolvido estratégias em que os territórios de produção e as redes de distribuição alimentar estão cada vez mais próximos dos locais de consumo.

O Green Deal recentemente proposto pela Comissão Europeia terá aqui um papel decisivo, se conseguir conjugar princípios ecológicos claros com uma sólida política de investimentos e de regeneração económica, e finalmente com estruturas de acção, de governação e de participação dinamizadas localmente e em cada território.

## 8. A coesão e o desenvolvimento

Para as questões sociais também se impõe o estabelecimento de um outro pacto nas cidades, ou um *social deal*. A pobreza e as desigualdades – sociais e espaciais – não são apenas consequência das crises, são parte central das suas próprias causas. Um acrescido aumento da precariedade – laboral e habitacional – vai marcar os próximos tempos, condicionados pelos padrões anteriores, pelas quebras de rendimentos e impactos desiguais da nova crise, pelas irregularidades na transição económica. Os mais vulneráveis vão ficar ainda mais vulneráveis. Os bairros precários podem ficar ainda mais precários. Como tal, as políticas sociais, a par dos apoios às redes de solidariedade e às economias locais, serão as mais decisivas para estes tempos. Bem como a constituição de uma consistente política social de habitação, que acompanhe todas as urgências e que desenvolva finalmente, a médio prazo, um parque amplo, digno e acessível, quer em termos de habitação pública quer em termos de preços protegidos. Com as graduais mutações nas vivências urbanas, também se sucederão importantes transformações no imobiliário. Sendo a crise de origem não financeira, poderá haver condições para a médio prazo aproximar objectivos públicos e privados. Mas será essencial que quer as urgências quer as mutações sejam acompanhadas por políticas nacionais e locais consistentes, que conjuguem direitos, coesão e rentabilidade económica, tanto mais segura quanto mais paciente.

Da mesma forma, as estratégias das cidades devem finalmente perceber os enormes riscos e a frágil resiliência que a especialização económica excessiva tem

## Cidade entorpecida

Da esq. para a dir., Parque Silva Porto, Benfica, com bancos interditados; Rotunda da Boavista, Porto, durante o estado de emergência; restaurante na fase de desconfinamento no bairro da Graça, Lisboa. Em baixo, passageiros de um autocarro que liga a Estação do Oriente a Loures

provocado. Há neste momento dezenas de milhares de empresas a lutar pela sobrevivência, e este é um momento decisivo para criar condições para sustentar tecidos empreendedores mais locais e diversificados, mais inclusivos e cooperativos, mais circulares e ecológicos. A par do aumento do teletrabalho e da diversificação dos usos nos mais diversos espaços da cidade, devem-se ainda fomentar ninhos de empresas e *startups* literalmente em todo o lado, em todos os bairros, e não apenas em meia dúzia de projectos bandeira. Quanto maior a diversidade socioeconómica nos tecidos das cidades, maior a maturação e a resiliência destes, bem como a capacidade de sustentação de empregos e de rendimentos, e a redução de segregações e desigualdades.

## 9. A política e a cidadania

Finalmente, estas amplas transformações necessitam de ser devidamente sustentadas pelo reforço dos recursos políticos das cidades e das metrópoles. Portugal é dos países mais centralizados da Europa e há décadas que se aguarda por uma política consistente de descentralização. É necessário aproximar os espaços da política dos espaços das novas geografias, dos bairros às regiões metropolitanas. O caso mais exemplar desta aproximação – e ainda praticamente único – são as juntas de freguesia de Lisboa, que fruto da reforma de 2013 e de uma consistente maturação, têm demonstrado uma notável capacidade de gestão da crise. Mas há muito mais ainda em embrião e a poder ser potenciado, das escalas regionais e metropolitanas às redes nacionais e transnacionais de cidades.

Por sua vez, e como propõe o filósofo basco Daniel Innerarity, são necessárias equações de decisão política mais

complexas, e por sua vez mais debatidas e participativas. “Mais complexo” não é o mesmo que “mais complicado”. Complexidade e participação não têm de ser contra-sensos, mas sim complementaridades. Situando-se aqui uma das áreas de trabalho mais importantes a desenvolver, na complementaridade virtuosa entre conhecimento, comunicação, participação e produção política. Existem experiências cada vez mais consolidadas de participação e de co-governança em múltiplas cidades, como o Plano de Bairros de Barcelona ou o programa BIP/ZIP de Lisboa. Poderão ser laboratórios muito interessantes para universos urbanos mais amplos. As tecnologias digitais podem ajudar, e muito. Mais do que desenvolver políticas de controlo *high-tech*, os investimentos tecnológicos podem sustentar estruturas mais sólidas e democráticas de cooperação, de fomento de comunidades e de participação na política das cidades e dos bairros. Combatendo as tendências de individualismo e de fechamento em grupos digitais tribalizados e desenvolvendo novas perspectivas de cidadania. Como disse o sociólogo francês Alain Touraine, se no paradigma industrial anterior era através das comunidades que se fomentava a cidadania, hoje será mais através da cidadania que se constroem as comunidades. Sustentando estas perspectivas, assistimos a uma consciência cívica e ecológica em evidente consolidação nas novas gerações, e ao surgimento de movimentos sociais e de práticas transformadoras das mais variadas naturezas. Confirmando-se a notável capacidade das sociedades urbanas em configurar crítica, reacção, e enfim proposta e acção.

## 10. A metamorfose

Necessitamos agora, mais que nunca, de visões de tempos longos para as nossas cidades e metrópoles. Sobretudo em tempos de transformação e de incerteza. Veremos com mais clareza nos próximos meses e anos quais foram as comunidades mais bem preparadas e mais resilientes. Mais capazes quer de ultrapassar crises como de se reinventar, de sustentar alternativas consistentes, e de saber transformar o seu próprio futuro. A questão não será tanto se estamos ou não preparados para crises e pandemias, será sobretudo como consolidarmos espaços e tempos de vida humana com maior coesão, conexão e sustentabilidade. E assim, por essas vias, construir também uma economia mais saudável e inclusiva.

Temos óptimas ferramentas – tecnológicas, culturais, científicas, cívicas – para essa construção. Precisamos agora das alavancas políticas. Há já muito a ser feito, há quase tudo por fazer. Se já era essencial, agora a construção de cidades mais ecológicas, empreendedoras, inclusivas, circulares e participativas, tornou-se obrigatória.

A metamorfose da cidade não tem de ser uma parábola kafkiana. Deverá ser sobretudo como na famosa obra de Ovídio, onde múltiplas vozes e histórias se entrelaçam umas com as outras, como numa polifonia, assim se transformando elas próprias e fazendo evoluir o organismo cada vez mais complexo a que chamamos cidade.

Geógrafo e economista, NOVA/FCSH

conhecimento e de tecnologia para se processar esta gestão urbana inteligente. Respondendo a propostas desenvolvidas de forma cada vez mais consistente por várias cidades bem como por organismos como o Conselho Europeu de Urbanistas ou a própria União Europeia. Nestes âmbitos, é exemplar a recente proposta formulada em Paris da “*Ville du quart d’heure*”. Como o PÚBLICO descreveu na entrevista ao seu mentor, o arquitecto Carlos Moreno, é uma estratégia que “*assenta em três pilares: ‘cronourbanismo, cronotopia e topofilia’, numa inspiração que vem do grego*”.

## 7. A ecologia

A ecologia envolve o maior desafio da humanidade neste século. Embora com impactos diferenciados em diferentes locais do planeta, as alterações climáticas são consideravelmente sincrónicas, exigindo transformações profundas em todas as cidades do mundo. A redução das emissões de carbono exigirá não somente alterações acentuadas nos padrões de consumo energético, mas também nas estruturas económicas e nas redes de distribuição. Bem como num urbanismo que valorize cidades mais densas e, em simultâneo, mais verdes. Uma cidade mais compacta e mais diversa é das fórmulas mais vitais, do lado dos consumos, para a neutralidade carbónica. Algumas tendências higienistas e de fuga da cidade poderiam indiciar um novo *sprawl* das metrópoles, mas este não será o movimento preponderante se as cidades conseguirem induzir uma revolução transversal na qualidade de vida e na coesão dos seus territórios mais densos. Um tipo de regeneração urbana que será importante para a própria segurança sanitária, ao aumentar a biodiversidade e ao promover uma maior integração de ambientes urbanos com



# Fotografia

“Há muitas histórias relevantes para contar que foram relegadas”, diz o presidente da Magnum. O P2 ouviu fotógrafos e dirigentes da cooperativa, que traçam o retrato de uma agência “à prova de crise” e sondam o presente e o futuro da fotografia documental

Por [Ana Marques Maia](#)

**C**om o surgimento da pandemia de covid-19, o mundo mudou – e, com ele, também a fotografia se vê a braços com novos desafios. O fotojornalismo foi forçado a adaptar-se a novas restrições, a novos e repetitivos símbolos, o circuito artístico encontra-se em suspenso, o documentarismo procura novas formas de retratar a realidade que se afastem do imediatismo e proporcionem uma perspectiva mais abrangente e reflexiva do “novo normal”. Para os fotógrafos que compõem a Magnum Photos, nascida no rescaldo da Segunda Guerra Mundial, a relação com a nova crise é vivida com preocupação, mas também com alguma naturalidade. Os 73 anos de história da cooperativa tornaram-na, de certo modo, “à prova de crise”.

Caitlin Hughes, presidente executiva, disse ao P2, em teleconferência a partir do País de Gales, que “o que verdadeiramente diferencia a Magnum são os laços de solidariedade existentes entre os fotógrafos e o diálogo que estabelecem, hoje mais do que noutras épocas, no sentido de encontrar respostas” para fazer face à crise. Alguns desses diálogos, divulgados na rubrica recém-criada *Quarantine Conversations*, decorrem em directo nas

redes e estão disponíveis através dos canais oficiais da Magnum.

“Além disso, muitos dos nossos fotógrafos mantêm-se em plena actividade”, refere Hughes, chamando a atenção para o trabalho dos fotojornalistas italianos Alex Majoli e Lorenzo Meloni, na linha da frente da crise de covid-19 em Itália, que continuam a publicar os seus trabalhos em meios de comunicação internacionais. Noutras vertentes da fotografia, a realidade é diferente.

A fotógrafa belga Bieke Depoorter, membro oficial da Magnum desde 2016 e cujo corpo de trabalho vagueia entre as linguagens documental e artística – que explora sobretudo a esfera íntima de indivíduos com quem se cruza em viagem –, encontra no presente contexto novos obstáculos ao desenvolvimento da sua linguagem autoral. Em confinamento, com todos os eventos relacionados com a exibição do seu trabalho cancelados, Bieke permanece em Ghent, na Bélgica, a editar o próximo livro, *Agata*. “Na realidade, hoje deveria estar a voar dos Estados Unidos para Itália, onde iria decorrer uma exposição do meu trabalho. Foi cancelada. Exposições, palestras, *workshops*, foi tudo cancelado”, lamenta. Nem o icónico festival de fotografia *Les Rencontres d’Arles*, em França, escapou à covid-19.

Bieke não é fotojornalista ou fotógrafa de rua, mas sente uma certa “urgência” em reagir e cobrir, de algum modo, o que está a acontecer em seu torno. Acredita que a pandemia pode ser narrada a partir de muitos ângulos. “A cobertura não tem de ser literal”, explica. “Existem formas simbólicas de o fazer. Neste caso, creio que existe um sentimento generalizado de querer viver numa realidade longínqua. Há muitas pessoas que não querem estar aqui, agora. Fisicamente, a única solução é estar fora da Terra.” A astrofotografia – a cap-

tura de imagens de corpos celestes – está, por isso, na mira da artista belga para um projecto futuro.

Este recente interesse surge a partir da impossibilidade de documentar aquilo que realmente lhe interessa, ou seja, o que acontece na esfera íntima dos lares, uma realidade hoje vedada à maioria dos fotógrafos – que, não raramente, optam por virar para dentro a objectiva da câmara, para a sua própria intimidade. “Sinto-me muito desconfortável com o chavão ‘Fiquem em Casa’”, refere. “Há pessoas a viver situações de violência doméstica, refugiados cujas vidas se deterioraram longe do olhar público.” Para a fotógrafa de 34 anos, “há demasiadas coisas a acontecer que não encontram cobertura mediática” – e isso é “preocupante”.

### “Parece que o mundo ficou em suspenso”

Da mesma opinião é o presidente da Magnum, Thomas Dworzak, que conversou com o P2 a partir de Paris. O ex-fotógrafo de guerra que, ao longo de uma carreira de quase 30 anos, assumiu uma linguagem clássica de preto e branco, assumida e orgulhosamente “antiquada”, considera a pandemia “um buraco negro informativo”. “Parece que →

### *Good Morning America*

À esquerda, traseiras de um cinema *drive-in*, na Florida, EUA (2012). Por causa da pandemia de covid-19, o fotógrafo britânico Mark Power foi forçado a interromper o projecto *Good Morning America*, que desenvolve há vários anos nos Estados Unidos. Em baixo, retratos do seu filho, Millingan, em desespero devido ao confinamento



# A pandemia causou um “buraco negro informativo”



BIEKE DEPOORTER/MAGNUM PHOTOS

o mundo ficou em suspenso. Já não há guerras? Negócios obscuros? O que está a acontecer na Tchetchénia, por exemplo, alguém sabe? Alguém se importa? Há muitas histórias relevantes para contar que foram, simplesmente, relegadas para segundo plano.” Histórias que, na opinião do alemão, deixaram de ser do interesse do público e, em consequência, se tornaram pouco vendáveis ou publicáveis.

Dworzak acredita que a realidade migrou para a esfera virtual, para um lugar imaterial quase intangível – o que dificulta a missão dos fotógrafos. Mas, apesar de se considerar um “infoexcluído”, diz, exageradamente, em conversa através do Zoom, Thomas não cruzou os braços e foi ao encontro dos acontecimentos. “Inverti a minha abordagem fotográfica e comecei a documentar o espaço virtual: o que se passa no Skype, no WhatsApp, no Zoom, nos directos do YouTube e do Facebook. Passo os dias a tentar registar as diferentes actividades que decorrem em directo nas redes: aulas, sessões de ioga, corridas de bicicleta, reuniões políticas, *clubbing*, concertos, festas. Hoje fui a um funeral, por exemplo.”

Algo que parecia futurista há poucos anos faz parte do “novo normal”. Thomas fotografa e reúne imagens de uma espécie de “intimidade em espaço público” que não é nova – existe desde a “democratização do tédio” no Ocidente, refere – mas que, hoje, em plena pandemia, assume maior peso e relevância. “Desta forma, tenho acesso, por vezes, a eventos cujo acesso me seria vedado”, sublinha.

Thomas Dworzak, que ao longo da sua carreira, cobriu as guerras do Iraque e do Afeganistão, está acostumado a fotografar a realidade das vítimas de calamidade praticamente sem restrições – algo que, em território europeu, “se tornou quase num tabu”. “Fotografar algo trágico, dramático, em França é quase impossível. As pessoas não te deixam fotografar um funeral, por exemplo. Ficariam zangadas. Em África poderias fazê-lo, na Europa não. Existe um privilégio ocidental na questão da privacidade, que tem impacto ao nível da representação do Ocidente no resto do mundo. No Ocidente, as crises são sempre mais ‘limpas’.”

### A espontaneidade está fora de alcance do fotógrafo

Foi também na esfera íntima de perfeitos es-



ALEC SOTH/MAGNUM PHOTOS



ALEC SOTH/MAGNUM PHOTOS

### Tão perto, tão longe

Em cima, Leon em Berlim em roupa interior para a série e fotolivro de Alec Soth *I Know How Furiously Your Heart is Beating* (2008). Ao lado, num acto de experimentação fotográfica, em Março de 2020, Soth usa o seu iPhone “para tirar fotografias através dos binóculos”



tranhos que o norte-americano Alec Soth, membro da Magnum desde 2004, perdeu terreno fotográfico. O último trabalho e fotolivro (editado pela Mack Books) de Soth, *I Know How Furiously Your Heart Is Beating*, foi desenvolvido integralmente na companhia de estranhos, que lhe abriram a porta de suas casas e lhe permitiram documentar a intimidade. Soth quis, “simplesmente, passar tempo a olhar para outras pessoas e, com sorte, vislumbrar a sua vida interior”.

Hoje sabe que semelhante abordagem seria impossível. “À parte a pandemia, eu já estava em mudança”, garante o fotógrafo de 51 anos, a partir de Saint Paul, em Mineápolis, Minnesota, nos Estados Unidos. Não tencionava repetir o *modus operandi*. Sem abrir o livro, Soth adiantou que pretendia, desta vez, “fazer-se à estrada” e fotografar “a vida na América”; a pandemia alterou-lhe os planos. “Quando tudo isto começou, senti-me quase obrigado a cobrir este tema [da pandemia]”, confessa. “Mas não tenho prática nesse tipo de cobertura, a minha linguagem é mais artística. Nunca sei o que fazer em casos de emergência.” Soth esteve em Paris durante os atentados, em 2015, e confessa que não realizou uma única imagem.

Sente-se, actualmente, “um pouco paralisado”, mas tranquilo. “Não posso começar o novo projecto porque envolve viagens. A minha forma ideal de trabalho é muito semelhante ao de surfar uma onda. Se eu fosse agora ‘para a água’, poderia remar sobre a prancha mas nunca levantar-me – o que seria incrivelmente frustrante.” Por isso, Soth dedica-se, presentemente, à experimentação fotográfica na sua quinta, algo que, garante, não é incomum acontecer entre projectos.

Também Mark Power, membro da Magnum desde 2007, se encontra em pausa. Mas, ao contrário de Soth, o trabalho de Mark raramente envolve a presença humana. “Costumo dizer, a brincar, que não gosto de falar

BIEKE DEPOORTER/MAGNUM PHOTOS



### Na Terra, no Espaço

Ao lado, retrato da série *Agata*, que Bieke Depoorter iniciou em 2017, numa altura em que o contacto próximo com as pessoas era parte essencial do seu trabalho.

À esquerda, fotografia de Março de 2020, em plena pandemia, com enfoque na astrofotografia. “Há muitas pessoas que preferiam não estar na Terra, agora”

### Fotografar o invisível

À semelhança de muitos documentaristas, Mark sente “frustração e culpa”. Há valores que se sobrepõem à necessidade de continuar a actividade, embora sinta “inveja de quem consegue receber um salário”, neste momento. “O meu rendimento, que advém sobretudo da fotografia institucional, corporativa, secou completamente desde que começou o confinamento.” Para alguns fotógrafos, sobreviver implica dar início a processos de adaptação e, até, de reinvenção. O projecto de Mark, *Good Morning America*, já deu origem a dois volumes editados pela londrina Gost. Mais três estão planeados até ao término. “Deveria estar no Kansas, neste momento, a trabalhar no terceiro volume. Com esta interrupção, uma alteração profunda da realidade provocada por algo que é invisível, terei de repensar o rumo do projecto. A covid-19 deverá estar presente, deve encontrar reflexo nas imagens. Mas como?”

Mark, que virou temporariamente a objectiva da câmara para o seu confinamento em família, acredita que a epidemia, nos Estados Unidos e no resto do mundo, terá implicações económicas e sociais profundas - e que esse será um terreno fértil para a fotografia documental. “Daqui a um ano, talvez alguns lugares que pretendia visitar tenham mudado de cara.”

### Que presente e que futuro?

Nenhum dos fotógrafos da Magnum que o P2 entrevistou deixou de referir a crise de 2008 como paralelo para o que esperam viver num futuro próximo. Recordam que, nesse período, foram capazes de encontrar ferramentas para sobreviver e agora, com a generalização do acesso à Internet, existe um mercado mais abrangente. “Estamos, obviamente, preocupados com a sobrevivência da cooperativa”, refere a presidente executiva, Caitlin Hughes. “Mas, ao contrário do que foi feito no passado, a Magnum esforça-se hoje por manter uma relação de informalidade com o público. As actividades online, como *workshops* e sessões de orientação, permitem-nos chegar a milhares de pessoas.”

A Magnum não é orientada para o lucro, embora carregue sobre os ombros uma pesada estrutura. “Temos uma equipa comercial, num escritório em Nova Iorque, que gere o agenciamento de fotógrafos. Há também uma equipa dedicada ao licenciamento e venda de impressões e outras dedicadas à gestão da área digital e educativa, a partir de escritórios em Paris e Londres.” As parcerias com outros colectivos, que resultam em vendas digitais de fotografia - eventos online conhecidos por *Magnum Square Print* - têm-se revelado surpreendentemente bem-sucedidos. “Com o último *Square Print*, em Abril, já em tempo de pandemia, obtivemos o melhor resultado de sempre. Estamos muito activos no mundo digital e temos mais ideias do que aquelas que conseguimos colocar em prática.”

Todos os membros da Magnum têm uma visão de longo prazo no que toca à sobrevivência do grupo, garante Caitlin Hughes. “E são os membros e a sua vontade de vencer que ‘seguram’ esta organização. Para os fotógrafos, a missão prioritária é a de criar corpos de trabalho que assumam relevância histórica, que se tornem em ferramentas de aprendizagem e consulta para futuras gerações”, continua. “E é o respeito que os fotógrafos têm pelo legado histórico que permite à Magnum sobreviver, intrepidamente, ao teste do tempo.”

“

*Parece que o mundo ficou em suspenso. Já não há guerras? O que está a acontecer na Tchetchénia, por exemplo, alguém sabe?*

*Thomas Dworzak*

THOMAS DWORZAK/MAGNUM PHOTOS



THOMAS DWORZAK/MAGNUM PHOTOS



com pessoas”, diz, entre sorrisos, a partir de casa, numa aldeia de 2500 habitantes nos arredores de Brighton, em Inglaterra. “As pessoas figuram nas minhas imagens incidentalmente, não se apercebem, sequer, de que estão a ser fotografadas. Isso significa que, com ou sem pandemia, as imagens teriam o mesmo aspecto, não é?”

O britânico desenvolve, desde 2012, o projecto *Good Morning America*, que pode resumir-se como um retrato subjectivo da “*american way of life*” a partir do olhar de um britânico “culturalmente colonizado” pelos Estados Unidos. “Viagens, hotéis... Fazia quatro viagens por ano aos Estados Unidos. Isso acabou. Quando será possível viajar novamente? Não sei. Devo ir? Tenho mais de 60 anos e diabetes do tipo 2. Devo apenas sentar-me, pacientemente, enquanto aguardo uma vacina [para a covid-19]?”

### Da terra para os ecrãs

Em cima, funeral de um civil que foi morto na sequência do reabertura de uma mina na Geórgia, em 1993. À esquerda, conferência digital via Zoom a partir de uma sinagoga, na Alemanha. Por causa da pandemia, Thomas Dworzak virou a objectiva para acontecimentos online

# Semana de lazer

Por **Sílvia Pereira**

lazer@publico.pt

## Música

### Em sete quintas e mais algumas

Quinta-feira é um dia especial para o Teatro Circo e para o Teatro Aveirense. Ambos se (re)lançam em ciclos de concertos. No caso da sala bracarense, o momento corresponde ainda à reabertura oficial pós-confinamento. Os Birds Are Indie (na foto) fazem as honras de encetar as 7 Quintas Felizes, que se prolongam semanalmente até ao fim de Julho e contam com Paus, Tainá, Valter Lobo, André Henriques (Linda Martini), Cachupa Psicadélica e o colectivo de Sérgio Carolino, R'B e Mr.SC. Em Aveiro, Filipe Sambado encarrega-se da reactivação das Novas Quintas. Mais espaçada do que em Braga, a série receberá também Best Youth (2 de Julho) e Pedro de Tróia (10 de Setembro).



**BRAGA Teatro Circo**  
Dia 18 de Junho, às 21h10.  
Bilhetes a 7€  
**AVEIRO Teatro Aveirense**  
Dia 18 de Junho, às 22h.  
Bilhetes a 5€

## Música

# Regresso ao Futuro

No dia 20, mais de 20 artistas vão a outros tantos palcos, à mesma hora, com a solidariedade como cenário. É o festival Regresso ao Futuro a “voltar a ligar o som e a acender as luzes (...), resgatando-nos ao silêncio e ao afastamento”, anuncia a organização, da Sons em Trânsito. Bárbara Tinoco, Clá (na foto), The Black Mamba, Miguel Araújo, Camané, Carolina Deslandes, Tiago Bettencourt, Fernando Daniel, Gisela João, Diogo Piçarra, Áurea, Herman José, Agir, Kátia Guerreiro, Rita Redshoes, Samuel Úria, The Gift, Tiago Nacarato, Ana Moura, Pedro Abrunhosa, Carlão, Salvador Sobral, D.A.M.A. e António Zambujo dão música ao movimento. Propaga-se por teatros municipais e outros locais, para reafirmar a importância desta rede para “a sustentabilidade da cultura” e agir “como um catalisador de esperança, resiliência e confiança para o público”. As receitas serão entregues ao Fundo de Solidariedade para a Cultura.

ALBERGARIA-A-VELHA, ALMADA, AVEIRO, CAMINHA, CASCAIS, BRAGANÇA, CASTELO BRANCO, ESTARREJA, FAFE, FARO, FIGUEIRA DA FOZ, ÍLHAVO, LEIRIA, LISBOA, LOULÉ, MATOSINHOS, OLIVEIRA DO BAIRRO, OVAR, RIO MAIOR, SANTARÉM, SETÚBAL e TORRES NOVAS Dia 20 de Junho, às 21h30. Alinhamento completo em [www.facebook.com/festivalregressoaofuturo](http://www.facebook.com/festivalregressoaofuturo). Bilhetes a 10€



**LISBOA Teatro Nacional D. Maria II**  
Dias 20 e 21 de Junho, às 21h e às 18h, respectivamente. Bilhetes de 6€ a 12€

## Festival

### Ignição artística online

Vhils (na foto), Grada Kilomba, Vasco Araújo, Miguel Januário, Nina Simon, Tó Trips, chef Kiko, Capicua, Grada Kilomba, Salvador Sobral, André Gago, Vasco Araújo, Luís Severo e muitos, muitos outros. Os cabeças de cartaz são às dezenas e vêm de todas as áreas artísticas. Num momento em que “as nossas únicas certezas são perguntas”, a plataforma cultural Gerador entra em campo com “um festival online totalmente original e inovador, que promete reinventar a experiência no digital”. O objectivo do Oeiras Ignição Gerador é “discutir o futuro da cultura e da criatividade”, em três dias de conversas, apresentações, masterclasses, performances, concertos e debates. Tudo online e com equivalentes criativos para os momentos festivos da praxe. Aos palcos principais Oeiras e Gerador juntam-se os espaços Pavilhão das Artes, Chill Breaks (para networking em reuniões temáticas e privadas), Bar Musa, À Mesa com EatTasty (com menus para encomendar), Backstage (para trocar impressões com quem acaba de actuar) e até um WC virtual, intervencionado por artistas visuais, com curadoria da revista FoME.

**ONLINE <https://gerador.eu/oeriras-ignicao-gerador>**  
De 18 a 20 de Junho, a partir das 9h30 (quinta) e das 11h (sexta e sábado). Bilhete diário a 15€; passes a 29€ (9€ para sócios Gerador e municipais de Oeiras)

## Festival

### À beira das artes

Soul, blues, R&B e funk. É neste tom, servido pelos bracarenses Budda Power Blues (na foto), que arranca no Teatro das Beiras a 16.ª edição do Y (originalmente agendada para começar em Março). O festival monta nas cidades beirãs de Covilhã e Castelo Branco “um espaço transdisciplinar alargado nas artes performativas”, nas

palavras do director artístico, Rui Sena. Esse espaço será depois habitado pela *Cinderela* de Lígia Soares, *A Caminhada dos Elefantes* da Formiga Atómica, o *O2 Oxygen* do PIA — Projectos de Intervenção Artística e, em residência artística, a dupla de Joana Gama (piano) e Luís Fernandes (electrónica).

**COVILHÃ Teatro das Beiras e Escola Profissional de Artes da Covilhã. CASTELO BRANCO Cine-Teatro Avenida e Campo**

**Mártires da Pátria. De 19 de Junho a 24 de Julho. Bilhetes a 6€**

## Teatro

### By Heart para recomeçar

O D. Maria II reabre as portas com *By Heart*, um espectáculo “sobre o esconderijo seguro que os textos proibidos sempre encontraram nos nossos cérebros e nos nossos corações”. Sem preparação

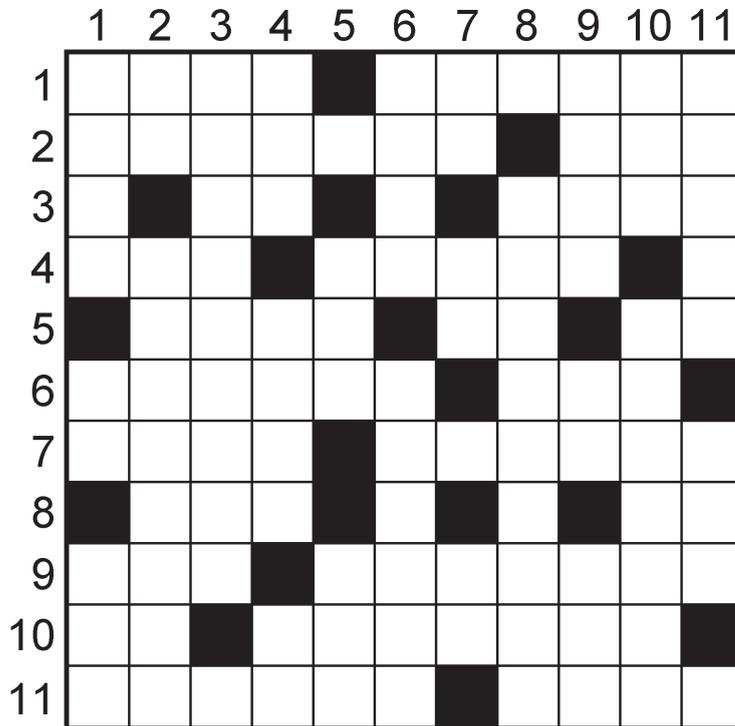
prévia, dez pessoas decoram um poema em palco, à frente do público. Tiago Rodrigues, director artístico da casa, criador e intérprete da peça e Prémio Pessoa 2019, é quem as ensina. Vai desfiando histórias da sua vida, misturadas com narrativas ficcionais e personagens de livros. A plateia estará de máscara e reduzida a metade. A receita de bilheteira reverte para um fundo de apoio aos profissionais da cultura.



## CRUZADAS 11.008

**HORIZONTAIS: 1.** Instituto Português do Sangue e da Transplantação (apela que se assinale o Dia Mundial do Dador de Sangue com uma "dádiva de sangue"). Romper com violência. **2.** Andar a chouto (trote miúdo e incómodo). O maior pássaro nativo da Austrália. **3.** Centímetro (abrev.). Lavrar. **4.** Radio Audizioni Italiane. Construção alta e fortificada. **5.** Período de "(...)", período mínimo de cinco anos para permitir que um membro do Governo possa ser nomeado governador do Banco de Portugal. Segundo. Plural (abrev.). **6.** Grão de milho estalado ao calor e comido como aperitivo. Sociedade Portuguesa de Autores (sigla). **7.** Algumas. Fixara (a vista ou a atenção) em. **8.** Preposição que designa limite. Sódio (s.q.). **9.** Eia! (interj.). Pôr nódoas em. **10.** Antigo nome da nota musical dó. Charles (...), 150 anos depois da sua morte, ainda há muito a aprender com este escritor britânico. **11.** Arrendido. Transpiração.

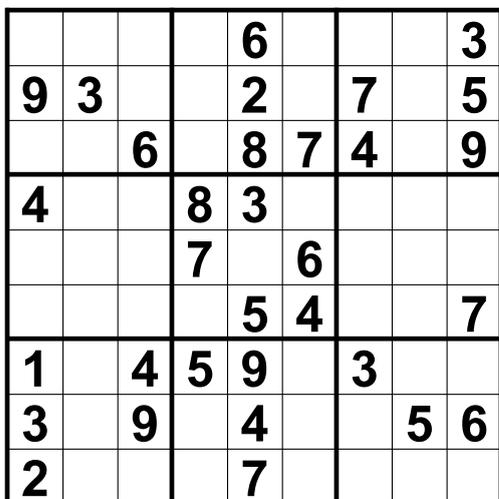
**VERTICAIS: 1.** Líquido pestilencial que escorre de certas úlceras ou abscessos. Plutónio (s.q.). Euro (abrev.). **2.** Sigla de potência de hidrogénio. Que anima. **3.** Pessoa que dirige a sua agressividade contra a sociedade. **4.** Interjeição imitativa de uma detonação. (...) Tavares Moreira, antigo governador do Banco de Portugal (1944-2020). Preposição que designa posse. **5.** Transtorno Obsessivo-Compulsivo. Aqui está. **6.** Palavra ligada a Maria Van Kerkhove, especialista da OMS. Aferro. **7.** "Emprenha de (...) e parirás vento". Graçacia. Combinado. **8.** (...) de Sousa



Mendes, o Parlamento foi unânime em dar-lhe honras de Panteão. **9.** Administra. Símbolo do Pascal. Organização das Nações Unidas (acrónimo). **10.** Aia. Monte da antiga Grécia consagrado a Apolo e às Musas. **11.** Campesino. Rio suíço.

**Solução do problema anterior**  
**HORIZONTAIS: 1.** Tronos. OPEP. **2.** Rubi. Aa. Sua. **3.** Eis. Anti. Ri. **4.** Contrapor. **5.** Pessoa. Ego. **6.** Sinai. Im. **7.** Oso. Erra. Um. **8.** MC. Ida. Napa. **9.** Banca. Futon. **10.** Boda. Er. **11.** Alares. Loja. **VERTICAIS: 1.** Trem. Sombra. **2.** Rui. Pisca. **3.** Obsceno. NBA. **4.** Ni. Icor. **5.** Ansiedade. **6.** Santo. Ra. As. **7.** Atrair. **8.** Ia. Maniel. **9.** PS. PE. Atro. **10.** Eurogrupo. **11.** Pairo. Mania.

## SUDOKU



**Problema 9790**  
Dificuldade: Fácil

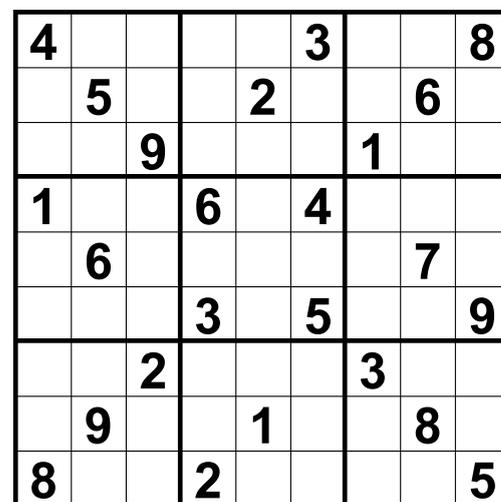
**Solução do problema 9788**

6	2	7	3	8	9	5	1	4
5	3	9	1	2	4	8	7	6
1	4	8	5	7	6	9	3	2
7	1	3	9	6	8	4	2	5
9	8	4	2	1	5	3	6	7
2	5	6	7	4	3	1	8	9
3	6	2	4	9	1	7	5	8
8	9	1	6	5	7	2	4	3
4	7	5	8	3	2	6	9	1

**Solução do problema 9789**

4	2	9	3	7	6	1	8	5
5	8	3	9	1	4	6	2	7
6	1	7	2	5	8	3	9	4
8	5	2	6	9	1	7	4	3
7	9	4	5	8	3	2	1	6
1	3	6	4	2	7	9	5	8
2	6	1	8	3	5	4	7	9
9	4	8	7	6	2	5	3	1
3	7	5	1	4	9	8	6	2

**Problema 9791**  
Dificuldade: Muito difícil

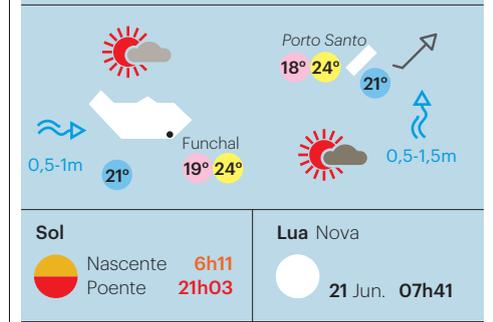
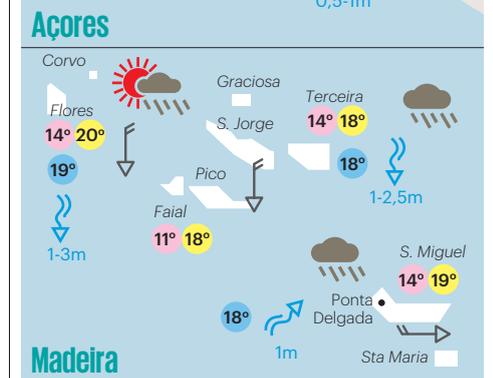
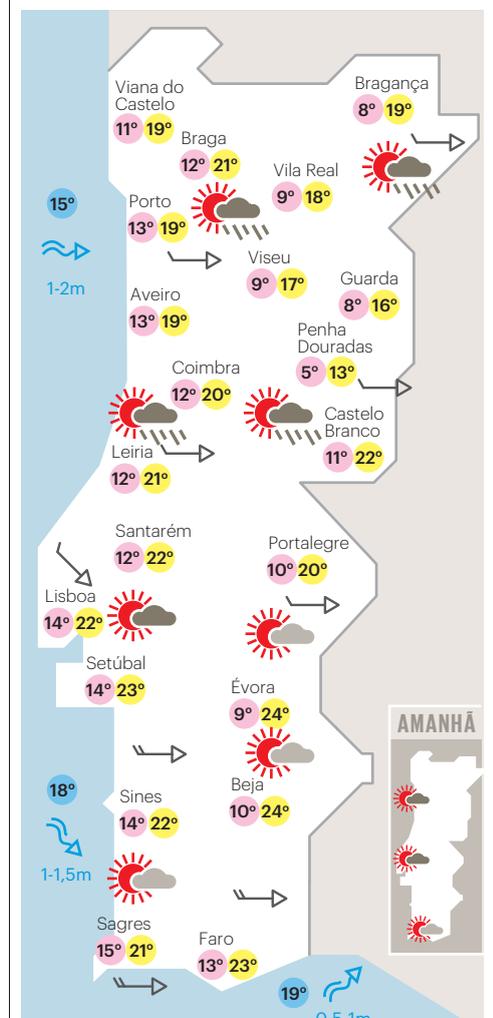


## FARMÁCIAS

**Porto/Serviço Permanente Menezes de Lima** - Praça das Flores, 227/229 - Tel. 225371764 **Pereiró** - R. da Preciosa, 35 - Tel. 226181027 **Vila Nova de Gaia/Serviço Permanente Juncal** (S. Félix da Marinha) - ESTRADA DE BRITO, 1335 - Tel. 227312167 **Gaia Nova Matosinhos/Serviço Permanente E. Falcão** - R. do Moinho de Vento, 227/33 (Leça da Palmeira) - Tel. 229952680 **Coimbra/Serviço Permanente Vilaça** - R. de Ferreira Borges, 132 - Tel. 239822043 **Fórum** - Av. José B. Andrade e Silva, Q. do Vale Gemil, Forum Coimbra Loja 043 - Tel. 239800610 **Braga/Serviço Permanente Misericórdia** (São João do Souto) - Lg. de Carlos Amarante - Tel. 253201680

**Outras Localidades/Serviço Permanente**  
**Águeda** - Ala Aguiar da Beira - Dornelas, Portugal **Albergaria-a-Velha** - Oliveira (Ribeira de Fráguas) **Alfandega da Fé** - Trigo Alijó - José Rodrigues, de Favaio (Favaio), Nova Vilar de Maçada (Vilar de Maçada) **Almeida** - Cunha, Moderna (Vilar Formoso) **Amarante** - Costa Anadia - Júlio Maia **Arcos de Valdevez** - Arcuense **Arganil** - Moderna **Armamar** - Batista Ramalho, Lúcio **Arouca** - Santo António (Stª Eulália - Arouca) **Aveiro** - Avenida (Vera Cruz) **Baião** - Queirós Cunha (Campelo), Rocha Barros (Eiriz) **Barcelos** - Cunha **Boticas** - S. Cristóvão **Bragança** - Margarida Machado **Cabeceiras de Basto** - Barros **Caminha** - Beirão Rendeiro, Brito (Vila Praia de Áncora) **Cantanhede** - Cruz **Carrizada de Ansiães** - Rainha **Carregal do Sal** - Ramos (Cabanas de Viriato) **Castelo de Paiva** - Adriano Moreira, Pinho Lopes (Oliveira do Arda), Marques Lopes (Santa Maria de Sardoura) **Castro Daire** - Moderna **Celorigo da Beira** - Duarte Dias **Celorigo de Basto** - Alves Dias **Chaves** - Paula Files **Cinfães** - Correia **Condeixa-a-Nova** - S. Tomé **Espinho** - Grande Farmácia **Esposende** - Gomes **Estarreja** - Sousa **Fafe** - da Cumieira **Felgueiras** - Estela **Figueira da Foz** - Almeida Sousa (Maiorca) **Figueira de Castelo Rodrigo** - Bordalo **Fornos de Algodres** - Central **Freixo de Espada à Cinta** - Guerra **Góis** - Coroa, Santiago, Frota **Carvalho** (Vila Nova do Ceira) **Gondomar** - Areosa (Areosa) **Gouveia** - Patrício, Central (Melo - Gouveia), Albuquerque (Moimenta da Serra), Martins (Vila Nova de Tazem) **Guarda** - Avenida do Mileu (Póvoa do Mileu) **Guimarães** - Praça (São Paio) **Ílhavo** - Santos **Lamego** - Cardoso **Lousã** - Serrano **Lousada** - Fonseca **Macedo de Cavaleiros** - Diogo **Maia** - Aliança (Vermim) **Mangualde** - Beirão (Chãs de Tavares), Nogueira (Santiago de Cassurães) **Mantigas** - Bráulio Monteiro **Marco de Canaveses** - do Marco **Mealhada** - Miranda, Suc. **Meda** - Pereira **Melgaço** - Vale do Mouro **Mesão Frio** - Nova de Mesão **Frio Miral** - Roldão **Miranda do Corvo** - Lima Natário, Borges (Semide - Miranda do Corvo) **Miranda do Douro** - Miranda (Mirando do Douro) **Mirandela** - Mascarenhas **Mogadouro** - Magalhães **Moimenta da Beira** - Ferreira, César (Leomil) **Monção** - Codeço **Mondim de Basto** - Oliveira **Montalegre** - Martins **Montemor-o-Velho** - Nuno Álvares **Mortágua** - Gonçalves **Murça** - Saúde **Murtosa** - Santos Leite **Nelas** - Faure **Oliveira de Azemeis** - Santos **Oliveira de Frades** - Martinho (Pinheiro de Lafões) **Oliveira do Bairro** - Tavares de Castro **Oliveira do Hospital** - Santos (Seixo da Beira) **Ovar** - Central **Paços de Ferreira** - Da Mata Real **Pampilhosa da Serra** - do Zêzere (Dornelas do Zêzere), Central **Parades Ferreira de Vales** (Rebordosa) **Parades de Coura** - Da Calçada **Penacova** - Alves Coimbra **Penafiel** - Do Sameiro **Penalva do Castelo** - Silveira **Penedono** - Rua **Penela** - Penela **Peso da Régua** - Central **Pinhel** - Santos, Da Misericórdia (Alverca da Beira), Moderna (Pinzão) **Ponte da Barca** - Popular **Ponte de Lima** - Da Vila **Póvoa de Lanhoso** - Matos Vieira **Póvoa de Varzim** - Campos **Resende** - Avenida **Ribeira de Pena** - De Cerva (Cerva), Borges de Figueiredo **Sabrosa** - Macedo **Morais**, Vieira Barata **Sabugal** - Lucinda Moreira, Aldeia Velha (Aldeia Velha), Higiene (Souto) **Santa Comba Dão** - Monteiro, Sales Mano (S. João de Areias) **Santa Maria da Feira** - Araujo **Santa Marta de Penaguião** - Santa Eulália (Cumieira), Douro (Santa Marta Penaguião) **Santo Tirso** - Fernandes Machado **São João da Madeira** - Da Praça **São João da Pesqueira** - Tavares **São Pedro do Sul** - Dias **Sátão** - Santo André (Lamas), Andrade **Seia** - Gandarez, Popular (Loriga), Paranhense (Paranhos da Beira), Neves Rodrigues (Pinhanços), do Alva (Sandomil), De São Romão (São Romão) **Sernancelhe** - Confiança, Mota (Vila da Ponte) **Sever do Vouga** - Terra (Couto de Esteves) **Soure** - Jacob **Tábua** - Carvalho **Tabuaço** - D'Ouro **Tarouca** - Augusta (Salzedas), Moderna **Terras de Bouro** - Alvim Barroso (Covas) **Tondela** - Bela Vista **Torre de Moncorvo** - Leite **Trancoso** - Paixão, Pereira (Vila Franca das Naves) **Trofa** - Nova **Vagos** - Tavares **Vale de Cambra** - Matos **Valença** - Central **Valongo** - Alfena (Baguim - Alfena) **Valpaços** - Almeida Sousa **Viana do Castelo** - S. Vicente **Vieira do Minho** - Freitas **Vila do Conde** - Santos (Caxinas) **Vila Flor** - Do Hospital **Vila Nova de Cerveira** - Cerqueira, Suc., Nova de Cerveira **Vila Nova de Famalicão** - Calendário **Vila Nova de Foz Côa** - Moderna **Vila Nova de Paiva** - Galénica **Vila Nova de Poiares** - Martins Pedro (S. Miguel de Poiares), Santo André **Vila Pouca de Aguiar** - Figueiredo **Vila Real** - Araucaria **Vila Verde** - Da Misericórdia **Vimioso** - Barreira, Ferreira (Argozelo) **Vinhais** - Albuquerque, de Rebordelo (Rebordelo) **Viseu** - Marques **Vizela** - Campante (Caldas de Vizela) **Vouzela** - da Torre (Alcofra), Ana Rodrigues Castro (Campia), Teixeira **Amares** - Mercado (Ferreiros) **Vagos** - Viva **Vouzela** - Vieira

## TEMPO PARA HOJE



Sol		Lua Nova	
Nascente	6h11		
Poente	21h03		
		21 Jun.	07h41

Marés			
	Leixões	Cascais	Faro
Preia-mar	10h59 ▲ 2,6 23h12 ▲ 2,7	10h36 ▲ 2,6 22h50 ▲ 2,7	10h30 ▲ 2,5 22h50 ▲ 2,7
Baixa-mar	16h58 ▼ 1,4 05h35* ▼ 1,3	16h35 ▼ 1,6 05h14* ▼ 1,4	16h27 ▼ 1,5 05h08* ▼ 1,3

Fonte: www.AccuWeather.com \*de amanhã

# Dia de ficar

## CINEMA

### Pleasantville - A Viagem ao Passado

**AXN Movies, 14h**

*Pleasantville* – *Viagem ao Passado* é o filme com que Gary Ross, também argumentista, se estreou na realização, tendo conquistado três nomeações para os Óscares de 1999 (melhor direcção artística, figurino e banda sonora). A história começa com uma briga entre os irmãos Jennifer (Reese Witherspoon) e David (Tobey Maguire) por causa de um estranho comando de televisão. Subitamente, vêm-se teletransportados para o mundo de *Pleasantville*, uma série televisiva que retrata os anos 1950, em que tudo parece perfeito. Sem saberem como e quando vão conseguir regressar aos anos 1990, procuram adaptar-se à realidade a preto e branco que os rodeia. Mas depressa descobrem o impacto que vão ter num mundo que não é assim tão perfeito.

### O Último Fato

**RTP2, 15h**

Abraham Bursztein é um alfaiate judeu de 88 anos há muito tempo sediado na Argentina. Sobrevivente polaco do Holocausto, decide viajar até Lodz, na Polónia, com o objectivo de cumprir uma promessa que fez 70 anos antes. Este filme de 2017, do realizador e argumentista argentino Pablo Solarz, é um *road movie* que passeia entre a comoção dramática e o bálamo humorístico. Abraham, equiparado de forma mais ou menos subtil ao Rei Lear, foge do cuidado distraído das suas filhas de forma a encontrar um amigo que lhe salvou a vida por ocasião da Segunda Grande Guerra. O elenco conta com os actores Miguel Ángel Solá, Ángela Molina e Julia Beerhold.

### O Pai Tirano

**RTP1, 15h45**

Uma comédia emblemática de António Lopes Ribeiro, na qual se destacam os diálogos repletos de duplos sentidos. Chico Mega (Ribeirinho) é caixeiro nos Grandes Armazéns do Grandela e o seu coração bate por Tatão (Leonor Maia), empregada na Perfumaria da Moda. Mas ele tem outra paixão: o teatro e o grupo Os Grandelinhas. Com a peça *O Pai Tirano* prestes a estrear-se, uma série de equívocos vão levar Tatão a confundir ficção e realidade. E Chico aproveita a oportunidade. Ainda com Vasco Santana, Barroso Lopes e Graça Maria.



## Televisão

lazer@publico.pt

## Os mais vistos da TV

Sexta-feira, 12

	%	Aud.	Share
Nazaré	SIC	16,1	28,7
Terra Brava	SIC	14,6	29,4
Jornal da Noite	SIC	12,4	25,2
Quem quer Namorar...	TVI	11,8	21,5
Quer o Destino	SIC	10,7	29,8

FONTE: CAEM

### RTP 1

**6.11** Todas as Palavras **6.30** Espaço Zig Zag **8.00** Bom Dia Portugal Fim de Semana **10.30** Eucaristia Dominical **11.30** Mundo Maravilhoso **12.00** O Artesão **13.00** Jornal da Tarde **14.15** Linha da Frente **14.45** Faz Faisca **15.45** O Pai Tirano **18.00** I Love Portugal **19.59** Telejornal **21.30** Batalha dos Jurados **0.01** E a Noite a Cair **1.45** Web Therapy **2.45** A Terra do Extremo Norte

### RTP 2

**7.00** Euronews **8.00** Espaço Zig Zag **13.15** Drama Total - À Volta do Mundo **13.50** Olá, Como te Sentes? **13.55** Drama Total - À Volta do Mundo **14.20** Squish **14.30** O Carlos Escolhe **14.55** Folha de Sala **15.00** O Último Fato **16.30** Eco-Lógica **17.00** Voz do Cidadão **17.15** Caminhos **18.04** 70x7 **18.15** Nina **19.10** Saber Sabe Bem **19.40** A Idade do Ferro **20.35** A Estagiária **21.30** Jornal 2 **21.50** Página 2 **22.06** Folha de Sala **22.12** O Oportunista **23.15** Ben Harper em Concerto na Baloise Session **0.45** As Grandes Mentiras da História **1.35** Cinemax **2.35** Euronews

### SIC

**6.00** Malucos do Riso **6.40** Lego Ninjago **7.25** Power Rangers Super Ninja Steel **8.00** Uma Aventura **8.30** É p'ra Amanhã **9.00** Olhò Baião **12.00** Vida Selvagem **13.00** Primeiro Jornal **14.15** Fama Show **14.45** Cinema **15.45** Cinema **19.45** Não Há Crise **19.57** Jornal da Noite **21.30** Isto É Gozar com Quem Trabalha **21.50** Quem Quer Namorar com o Agricultor? **1.45** Cinema

### TVI

**6.15** Todos Iguais **6.45** Campeões e Detectives **8.15** O Bando dos Quatro **10.00** Detective Maravilhas **11.00** Missa **12.30** Mesa Nacional **13.00** Jornal da Uma **14.30** Somos Portugal, Sempre **18.30** Pesadelo na Cozinha **19.57** Jornal das 8 **21.45** Big Brother: A gala **2.00** 1000 à hora **3.15** Mar de Paixão **4.15** TV Shop **5.45** Os Batanetes

### TVCINE TOP

**9.40** Blinded by the Light - O Poder da Música **11.45** Nancy Drew e a Passagem Secreta **13.20** Os Irmãos Sisters **15.25**

Aladdin (v.o.) **17.30** Viúvas **19.35** Anna - Assassina Profissional **21.30** O Boneco Diabólico **23.05** Nós **1.05** Rocketman **3.05** Tudo o Que Tiveram **4.45** Se Esta Rua Falasse

### FOX MOVIES

**9.58** Os Pistoleiros da Noite **11.31** O Sargento Negro **13.21** O Homem das Pistolas de Ouro **15.20** Rio Bravo **17.43** Ben-Hur **21.15** Doutor Jivago **0.25** O Padrinho: Parte III **3.04** Duelo na Poeira **4.42** Indomável

### CANAL HOLLYWOOD

**9.45** A Minha Vida É Complicada **11.20** A Casa Fantasma (v.p.) **12.50** Olha quem Fala... Também **14.10** O Livro da Selva (v.o.) **15.50** Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban **18.05** Sem Identidade **20.00** Inferno **22.00** Harry Potter e o Cálice de Fogo **0.30** The Conjuring 2 - A Evocação **2.45** Piranha 3D **4.15** Antes de Adormecer **5.50** Zoom In

### AXN

**13.31** Assassinato em... **15.20** Fúria **17.35** Planeta dos Macacos **19.38** Matrix Reloaded **21.55** O Último Samurai **0.37** O Senhor dos Anéis - As Duas Torres **3.37** Matrix Revolutions **5.35** Fúria

### AXN MOVIES

**14.00** Pleasantville - A Viagem ao Passado **15.59** Juno **17.31** O Planeta Vermelho **19.16** Speed - Perigo a Alta Velocidade **21.15** A Máquina do Tempo **22.56** As Leis da Atração **0.28** Contacto **3.00** Rocky III **4.35** Ressurreição

### AXN WHITE

**13.10** Inesquecível **13.55** A Loira Virtual **15.25** Injustiçado **16.55** Chama-me Pai Natal **18.25** Águas de Flint **19.55** Confissões de Uma Noiva Americana **21.25** O Mistério da Rapariga da Banheira **22.55** America **0.25** Gabby Douglas: História de Uma Ginasta **1.55** Os Tudors **2.40** Diggstown **3.25** A Teoria do Big Bang **5.15** O Mentalista

### FOX

**10.03** Rango (v.p.) **11.55** 12 Desafios

RTP1 12%

RTP2 0,7

SIC 20,7

TVI 13,4

Cabo 38,2

**13.49** Liga da Justiça **15.56** Batman - O Início **18.28** O Cavaleiro das Trevas **21.20** O Cavaleiro das Trevas Renasce **0.16** O Homem do Tai Chi **2.01** Quarteto Fantástico (2005) **3.37** Chicago P.D. **4.17** Chicago P.D. **4.58** C. S.I. Miami

### FOX LIFE

**9.57** New Amsterdam **13.46** Harvest Love **15.15** The Wedding do Over **16.54** Tomboy **18.40** Enquanto Estiveres aí... **20.23** Mostra o Que Vales **22.20** StreetDance **1.31** Lei & Ordem: Unidade Especial

### DISNEY

**15.40** Zombies (v.p.) **17.25** Acampamento Kikiwaka **17.50** Miraculous - As Aventuras de Ladybug **18.35** Gravity Falls **19.25** Os Green na Cidade Grande **20.10** Lab Rats **20.58** Gabby Duran Alien Total **21.45** Clube Houdini **22.35** Lab Rats **23.19** Miraculous - As Aventuras de Ladybug

### DISCOVERY

**17.30** Desmontar a História **19.15** O Segredo das Coisas **21.00** A Febre do Ouro: A Mina Perdida de Dave Turin **22.55** A Febre do Ouro **0.40** A Febre do Ouro: A Mina Perdida de Dave Turin **1.30** A Febre do Ouro **3.00** Já Estavas Avisado! **4.30** Negócio Fechado **5.00** Guerra de Propriedades **5.25** Extinct Or Alive

### HISTÓRIA

**17.03** Mundos Perdidos **19.22** O Livro Egípcio dos Mortos **20.50** O Inexplicável **22.57** O Ouro Perdido da II Guerra Mundial **0.16** Onnis: Segredos Revelados **2.14** Alienígenas **3.35** Alienígenas, Edição Especial **4.18** Extraterrestres? **4.44** Top 10 da Antiguidade

### ODISSEIA

**17.36** Ataque e Defesa **18.23** Mundos Inexplorados com Steve Backshall **19.13** Zâmbia Selvagem **20.00** Top 10 Combate **20.45** Power **21.36** Mestres da Engenharia **22.28** Porta-Aviões em Guerra **23.20** Sex Mundi, a Aventura do Sexo **0.10** Power **1.00** Mestres da Engenharia **1.53** Porta-Aviões em Guerra **2.50** Huang's World **3.40** Top

### Doutor Jivago

**Fox Movies, 21h15**

O realizador David Lean (*A Ponte do Rio Kwai*, *Lawrence da Arábia*) adapta o romance clássico do autor russo Boris Pasternak. Uma eterna e maravilhosa história de amor que, com a I Guerra Mundial e a revolução russa como pano de fundo, conta o comovente drama de um angustiado médico-poeta, o Dr. Jivago (Omar Sharif). Dividido entre o amor pela mulher, Tonya, e a paixão que o une a Lara, a sua vida entra numa confusão, motivada por forças sociais que transformam o seu mundo para sempre. Óscar para melhor argumento adaptado, fotografia e música.

## MÚSICA

### Ben Harper em Concerto na Baloise Session

**RTP2, 23h15**

O cantor e compositor norte-americano Ben Harper é um multi-instrumentista conhecido pela sua eclética mistura de géneros musicais como blues, folk, soul e reggae, pela companhia dos Innocent Criminals, pela canção *Steal my kisses*, de 2000, e pela forma *suis generis* como toca, virtuosamente, a guitarra. O músico e activista já recebeu os Grammys por três vezes: em 2004, por Melhor Performance Instrumental Pop e Melhor Álbum Tradicional de Gospel, e em 2013, por Melhor Álbum de Blues. Encontramo-lo, aqui, em concerto no festival suíço Baloise Session, em 2018.

## INFANTIL

### Horton e o Mundo dos Quem (v. port.)

**TVCine Emotion, 14h**

Imaginativo e extravagante, Horton é um elefante que um dia ouve um pedido de ajuda de um grão de pó que flutua no ar. Horton convence-se que, mesmo sem se ver, pode haver vida naquele grãozinho – que é na verdade um planeta minúsculo, onde existe uma cidade chamada Quem Vila habitada por pequenos seres chamados Quem. Mas é claro que os outros animais da selva, que tão bem conhecem a imaginação prodigiosa de Horton, vêem nesta história apenas mais uma invenção. E ameaçam, mesmo, destruir o grão de pó. Mas Horton está disposto a tudo para proteger os seus novos amigos que, apesar de pequenos, vivem grandes aventuras.

## CINEMA

### Porto

#### Medeia Teatro Municipal Campo Alegre

R. das Estrelas. T. 226063000  
**A Bela de Dia** M16. 15h30, 18h30, 21h30

#### Trindade

R. Dr. Ricardo Jorge. T. 223162425  
**Retrato de Uma Rapariga Em Chamas** M12. 14h15, 16h30, 21h45; **Family Romance, LLC** M12. 14h30, 16h15, 20h; **Liberté** M18. 19h30; **Monos** M16. 18h; **Ema** M16. 22h

### Guarda

#### Cineplace - Guarda

C.C. Vivaci, Av. dos Bombeiros Voluntários Egitanenses, nº 5. T. 271212140

**O Meu Espião** M12. 16h40, 19h10, 21h40; **Academia Cranston - Cenas Monstruosas!** M6. 16h20, 18h30 (V. Port./2D); **Os Tradutores** 16h30, 19h, 21h30; **Snow: Os Domínios do Espelho** M6. 16h, 18h20 (V. Port./2D); **Bloodshot** 21h20; **The Gentlemen - Senhores do Crime** M16. 21h10

### Guimarães

#### Castello Lopes - Espaço Guimarães

Espaço Guimarães - Loja 154, R. 25 de Abril, 1 - Silvares. T. 253539390

**O Meu Espião** M12. 13h30, 16h10, 18h50, 21h10; **Academia Cranston - Cenas Monstruosas!** M6. 11h30 (V. Port./2D); **Tabaluga e a Princesa do Gelo** M6. 11h10 (V. Port./2D); **A Ovelha Choné: A Quinta Contra-Ataca** M6. 10h50 (V. Port./2D); **Os Tradutores** 14h, 16h25, 18h50, 21h20; **Bloodshot** 18h45, 21h30; **Sonic: O Filme** M6. 11h20 (V. Port./2D); **The Gentlemen - Senhores do Crime** M16. 13h40, 16h15, 18h50, 21h25; **Bora Lá** M6. 11h, 13h35, 16h10 (V. Port./2D); **Quarto 212** 13h05, 15h10, 17h15, 19h20, 21h30

### A Bela de Dia



#### Castello Lopes - Guimarães Shopping

Lugar das Lameiras - Guimarães Shopping. T. 253520170

**O Meu Espião** M12. 13h30, 16h10, 18h50, 21h10; **Academia Cranston - Cenas Monstruosas!** M6. 11h30 (V. Port./2D); **Tabaluga e a Princesa do Gelo** M6. 11h (V. Port./2D); **Snow: Os Domínios do Espelho** M6. 11h20 (V. Port./2D); **Bloodshot** 13h50, 16h20, 18h50, 21h20; **O Tempo Contigo** M12. 11h10, 13h55, 16h30, 19h (V. Port./2D); **Sonic: O Filme** M6. 10h50 (V. Port./2D); **The Gentlemen - Senhores do Crime** M16. 21h30; **The Boy - A Maldição de Brahm** 13h20, 15h25, 17h30, 19h35, 21h40; **Bora Lá** M6. 11h, 13h35, 16h05, 18h40, 21h15 (V. Port./2D); **O Caminho de Volta** M12. 13h20, 15h50, 18h40, 21h10

### Ovar

#### Cinema Dolce Vita Ovar

Centro Comercial Dolce Vita. T. 960254838

**Satyricon** M12. 16h, 18h15, 21h15

### Penafiel

#### Cinemax - Penafiel

Ed. Parque do Sameiro. T. 255214900

**O Meu Espião** M12. 14h40, 17h10, 19h30, 21h40; **Os Tradutores** 21h55; **Bloodshot** 15h30, 21h20; **Retrato de Uma Rapariga Em Chamas** M12. 19h30; **Bora Lá** M6. 15h, 18h (V. Port./2D); **Quarto 212** 17h20

### Vila Nova de Gaia

#### UCI Arrábida

Arrábida Shopping.

**O Meu Espião** M12. 13h30, 16h45, 20h; **Jumanji** 13h15, 16h30; **Os Tradutores** 15h45, 21h; **Bad Boys Para Sempre** M14. 14h, 21h45; **1917** 21h15; **Bombshell - O Escândalo** M12. 19h; **Jojo Rabbit** M12. **Mulherzinhas** M12. 19h45; **Bloodshot** 15h30, 17h30, 20h45, 22h;

**Birds of Prey (e a Fantabulástica Emancipação De Uma Harley Quinn)** M16. 19h30; **Sonic: O Filme** M6. 14h15, 16h15, 17h15, 18h45 (V. Port./2D); **The Gentlemen - Senhores do Crime** M16. 14h30, 17h45, 21h30; **Bora Lá** M6. 13h45, 15h, 16h, 17h, 18h15 (V. Port./2D) 19h15



## Em estreia

### 100% Camurça

**De Quentin Dupieux. Com Jean Dujardin, Adèle Haenel, Albert Delpy. FRA. 2019. 77m. Comédia, Terror. M14.**

Georges, recentemente divorciado, sente uma enorme dificuldade em adaptar-se à nova vida. Um dia, compra um casaco de camurça que concede poderes ao seu proprietário.

### A Bela de Dia

**De Luis Buñuel. Com Catherine Deneuve, Jean Sorel, Michel Piccoli. ITA/FRA. 1967. 100m. Drama. M16.**

Com este filme, Buñuel diverte-se, na sua perversão inocente, com alguns dos seus temas recorrentes: sexo e obsessão, sonho e realidade.

### A Cidade Branca

**De Alain Tanner. Com Bruno Ganz, Julia Vonderlinn, Teresa Madruga. POR. 1983. 107m. Drama.**

Paul é um marinheiro suíço que desembarca em Lisboa, onde decide ficar por algum tempo. Instala-se num quarto, de frente para a zona ribeirinha, e durante dias dedica-se a fazer pequenos filmes da cidade.

### A Febre Sobe em El Pao

**De Luis Buñuel. Com Gérard Philipe, María Félix, Jean Servais. FRA/MEX. 1954. m. Drama. M12.**

Num país imaginário da América latina, Ramón Vázquez, um idealista, está secretamente apaixonado pela mulher do seu superior hierárquico.

### Ema

**De Pablo Larraín. Com Mariana Di Girolamo, Gael García Bernal, Santiago Cabrera,**



**Paola Giannini. Chile. 2019. 107m. Drama, Musical. M16.**

Depois de um longo processo de adopção, Ema e Gastón ficam responsáveis por cuidar de Polo, um menino que nunca conheceu a estabilidade de um lar. Um dia, Polo provoca um acidente de tal modo grave que Ema decide devolvê-lo.

### Liberdade

**De Kirill Mikhanovsky. Com Lauren 'Lolo' Spencer, Chris Galust, Maxim Stoyanov, Darya Ekamasova. EUA. 2019. m. Comédia Dramática. M12.**

Vic tem um trabalho árduo: transportar pessoas com deficiência. Com a sua carrinha, percorre a cidade de Milwaukee (EUA), levando e trazendo quem depende dele para se movimentar.

### Monos

**De Alejandro Landes. Com Sofia Buenaventura, Julián Giraldo, Karen Quintero, Laura Castrillón, Deiby Rueda, Paul Cubides, Sneider Castro, Moises Arias. ALE/EUA/DIN/Colombia/ARG/FRA/SUI/SUE. 2019. 102m. Drama, Thriller, Aventura. M16.**

No topo de uma grande montanha, jovens guerrilheiros com o nome de código Monos estão encarregues de uma

importante missão: vigiar uma prisioneira.

### O Charme Discreto da Burguesia

**De Luis Buñuel. Com Delphine Seyrig, Fernando Rey, Paul Frankeur. ITA/FRA/ESP. 1972. 102m. Drama, Comédia. M18.**

A impossibilidade de saída das personagens neste filme dá lugar à impossibilidade que um grupo da alta sociedade enfrenta em concretizar um jantar.

### Rainha de Copas

**De May el-Toukhy. Com Trine Dyrholm, Gustav Lindh, Magnus Krepper, Liv Esmår Dannemann. DIN/SUE. 2019. 127m. Drama. M16.**

Anne é uma respeitada advogada que se especializou na área dos direitos de crianças e adolescentes. Com um casamento feliz, leva uma vida tranquila. Mas tudo se desmorona quando o enteado se muda para sua casa.

### Salve Satanás?

**De Penny Lane. EUA. 2018. 95m. Documentário. M14.**

Um documentário que usa o humor para falar sobre o controverso Templo Satânico, um grupo religioso não-teísta criado nos EUA, que visa promover a constituição de um Estado laico.

### Simão do Deserto

**De Luis Buñuel. Com Antonio Bravo, Claudio Brook, Luis Aceves Castañeda, Silvia Pinal, Francisco Reiguera. MEX. 1965. 43m. Drama. M12.**

São Simão é um eremita no deserto, onde vive no alto de uma coluna, mas o Diabo vem tentá-lo várias vezes.

## AS ESTRELAS DO PÚBLICO

Jorge Mourinha   Luís M. Oliveira   Vasco Câmara



	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
100% Camurça	★★★★★	★★★★★	-
Da 5 Bloods: Irmãos de Armas	★★★★★	★★★★★	★★★★★
Ema	★★★★★	-	★★★★★
Liberdade	★★★★★	-	-
Monos	★★★★★	★★★★★	-
Quem Escreverá a Nossa História	★★★★★	★★★★★	★★★★★
Rainha de Copas	-	★★★★★	-
Retrato da Rapariga em Chamas	★★★★★	★★★★★	★★★★★
Salve Satanás?	-	★★★★★	-
Uma Vida Alemã	★★★★★	★★★★★	★★★★★

● Mau ★★☆☆ Mediocore ★★★★★ Razoável ★★★★★ Bom ★★★★★ Muito Bom ★★★★★ Excelente



Monos

# Estar bem



NADIA\_BORMOTOVA/GETTY IMAGES

## Crianças: explicar e combater o racismo

Explicar o racismo e como o combater, ao mesmo tempo que promovem a integração e a igualdade de oportunidades, deveria ser uma vontade dos pais e uma obrigação da escola

**Vera Ramalho**

Em todo o mundo temos assistido a manifestações e protestos anti-racismo suscitados pela morte de George Floyd. A frase dita por este homem pouco antes da sua morte assume o simbolismo do sufoco em que muitas pessoas se encontram por pertencerem a uma raça que não a branca e que chama a atenção para a divisão e para o afastamento que o racismo cria entre as pessoas.

É preciso educar as crianças contra este tipo de discriminação e mostrar que o preconceito é uma forma de violência inaceitável.

Explicar o racismo e como o combater, ao mesmo tempo que promovem a integração e a igualdade de oportunidades, deveria ser uma vontade dos pais e uma obrigação da escola. Os pais deveriam querer mostrar

aos seus filhos que o amor não tem cor, que não se gosta ou se deixa de gostar de alguém por causa da sua cor ou da sua raça, e que o mesmo se passa com o respeito pelo outro.

Falar sobre temas relacionados com a vida e com a cidadania deve caber aos pais, porque não falar sobre um assunto pode significar retirar-lhe valor. Há também quem não fale sobre racismo, escondendo-se na desculpa de que a criança não questiona. Preferem deixar as coisas acontecerem, na sua maioria, porque se sentem confortáveis assim. Será isto também uma forma de racismo?

Para quem nasce branco, é fácil não pensar no que poderá fazer se algum dia for agredido por causa da sua cor, do seu cabelo ou das suas

origens. Provavelmente porque isso nunca irá acontecer. De igual forma, para quem nasce branco, também deveria ser importante saber agir quando vê alguém a maltratar e a insultar, por causa da sua cor, alguém que é negro.

O racismo não nasce connosco, mas é fruto da nossa história e é moldado socialmente. Em muitas sociedades é comum que situações dúbias, quando se passam com pessoas de raça diferente da branca, sejam automaticamente lidas com desconfiança ou perigo, podendo desencadear violência.

Há uma tentativa teórica de fingir que consideramos pretos e brancos iguais, mas muitas pessoas que não se consideram racistas têm medo de ir a determinados lugares onde predominam os negros ou as pessoas de outras etnias, como, por exemplo, os ciganos.

Como fugir ao racismo, se o ditado popular diz que “a fome é negra” e até nos animais há discriminação sobre os gatos pretos, que nada têm de malvadez e por sinal são lindos!

O racismo significa desigualdade e devemos esforçar-nos para termos uma sociedade menos racista e mais integradora e isto tem de começar pela educação, em casa, através de conversas sobre raça, racismo, injustiça e de acções que sejam coerentes com as palavras. Muitas crianças são alvo de ofensas e piadas verdadeiramente destrutivas, dirigidas a si ou à sua família que podem afectá-las profundamente, causando ansiedade, humilhação e isolamento.

Há conceitos importantes a serem abordados por quem pretende educar para a cidadania e para a tolerância – tem de os explicar às crianças de modo a que elas não perpetuem os preconceitos e a desigualdade. São disso exemplo que a identidade racial é um sentimento de pertença a um grupo e um direito de todos; que no caso de a criança ser ofendida ou assistir a uma ofensa, a culpa não é sua, mas de quem a ofendeu; que o mundo trata as pessoas com base na sua aparência, mas a raça ou a cor da pele de alguém não faz parte daquilo que a define, seja ela boa ou má pessoa; que não temos de gostar de toda a gente, mas isso não tem nada que ver com a cor da pele da outra pessoa ou com a sua raça; que para termos valor não precisamos de diminuir os outros; que as pessoas podem ter aparências diferentes, mas devem ser igualmente respeitadas; que existem pessoas que tratam mal outras por causa da cor da sua pele ou de outras características físicas, e que é responsabilidade de cada um mudar essa atitude.

**Psicóloga com especialidade em Psicologia Clínica e da Saúde**

# E quase tudo o vento levou



Alexandre Martins

Que diabos,  
o que eles  
querem mesmo  
é destruir  
o nosso modo  
de vida!

Cansado de esperar pelo amor de Scarlett, Rhett faz as malas e desce as escadas em passo decidido, com ar de quem vai sair de casa sem se importar de deixar para trás aquele cachecol do Benfica, velho, esburacado e com nódoas de vinho, mas que tanta sorte lhe deu até às mais recentes jornadas do campeonato.

“Rhett, se te fores embora, para onde irei? O que irei fazer?”, suplica Scarlett, numa última e desesperada tentativa para mostrar a Rhett que uma década de mensagens ambíguas afinal foi apenas a sua forma de dizer que o ama.

“Francamente, minha querida, eu não quero saber”, diz Rhett nas legendas em português de Portugal, mal traduzido do inglês “fuck you” que lhe sai dos olhos e sem a carga do “I don’t give a damn” que está no livro e no guião. E numa última prova de que tudo acabou entre os dois, Rhett vira costas a Scarlett e parte em direcção a um horizonte ainda adormecido, embalado pelo denso nevoeiro da madrugada da Geórgia.

*The End.*

De lágrimas nos olhos, e numa prova de grande coragem perante as adversidades da vida, os espectadores do filme *E Tudo o Vento Levou* mudam de canal porque está quase a começar O Preço Certo em Euros, e seguem alheios ao enredo diabólico que se desenrola nas suas costas.

À boleia de um fundamentalismo apocalíptico comparável às decapitações de pessoas e à destruição de estátuas naquela orgia de violência a que chamaram Estado Islâmico, os arautos do marxismo cultural e do politicamente correcto preparam-se para banir Rhett e Scarlett da memória das pessoas de bem – que diabos, o que eles querem mesmo é destruir o nosso modo de vida!

Ameaçadas por uma geração de meninos mimados apostada em deitar lixívia para cima da nossa História, as pessoas de bem ficam-se pelos títulos das notícias sobre a proibição do filme nos Estados Unidos e vêm-se impedidas de aceder às informações suplementares sobre a polémica, maquiavelicamente escondidas atrás de um clique no rato.

Afinal, o filme não ia ser banido nos Estados Unidos, mas sim retirado temporariamente de uma plataforma de *streaming*, para ser repostado, mais tarde, com uma explicação histórica sobre o contexto da época em que Rhett virou as costas a Scarlett e partiu em direcção a

um horizonte ainda adormecido, etc., etc.

Ora, na época em que a jornalista Margaret Mitchell escreveu o romance *E Tudo o Vento Levou*, publicado em 1936, tinham passado 59 anos desde o fim abrupto de um dos períodos mais sensíveis da História dos Estados Unidos, conhecido como Reconstrução.

Depois da Guerra Civil de 1861-1865, que pôs os defensores do fim da escravatura a combaterem contra Rhett e Scarlett, houve uma década em que os vencedores (os defensores do fim da escravatura) quiseram impor aos vencidos (Rhett e Scarlett) um novo modo de vida.

Para grande desgraça de Scarlett, esse novo modo de vida trazia com ele uma coisa desconhecida chamada impostos e levava-lhe os pretinhos que tanta falta lhe faziam para apanhar algodão.

Para além de muitas outras coisas, quase todas belas do ponto de vista literário e cinematográfico, *E Tudo o Vento Levou* é, para a comunidade negra norte-americana, também uma espécie de Conta-me como Foi em versão que saudades eu tenho do antigamente quando as pessoas podiam sair à noite sem medo de serem roubadas ou ainda pior.

Mas se a decisão da HBO de retirar temporariamente *E Tudo o Vento Levou* é uma coisa destes tempos em que o politicamente correcto vai dar cabo de nós e transformar o mundo numa bola de fogo, é porque não houve críticas e apelos a boicotes ao filme em outras épocas. Muito menos na época em que o filme se estreou – se isso tivesse acontecido, era sinal de que tanto o politicamente correcto, como esta nova geração que quer apagar a nossa memória, sempre existiram de alguma forma, e o argumento teria de ser revisto. (Agora até eu fiquei confuso.)

Mas parece que foi mesmo assim que a coisa aconteceu.

“Os activistas negros responderam com acções e com palavras de ordem”, diz Leonard J. Leff, professor na Universidade Estadual do Oklahoma e autor de vários livros e artigos sobre cinema, num texto publicado em 1999 na revista *The Atlantic*, em que recorda as reacções da comunidade negra à estreia do filme nos EUA.

“À medida que *E Tudo o Vento Levou* se ia estreando nas cidades americanas no início da década de 1940, grupos organizados de negros pintaram cartazes e manifestaram-se em frente à entrada dos cinemas. ‘Vocês também seriam dóceis, se fossem chicoteados!’, lia-se num cartaz à porta de uma sala em Washington. ‘*E Tudo o Vento Levou* glorifica a escravatura’ e ‘Os negros nunca foram escravos dóceis’, gritaram manifestantes em Chicago.”

Em Brooklyn, segundo o relato contemporâneo do *Sun*, à época o mais conservador dos jornais de referência nova-iorquinos, “um negro de 17 anos investiu contra um polícia como um ciclone”. “Depois de o jovem ter sido detido, os seus companheiros sentaram-se em protesto e prolongaram a ruidosa manifestação contra o filme”, recorda o artigo da *Atlantic*.

É o que eu digo, esta geração de há 80 anos de meninos mimados apostada em deitar lixívia para cima da nossa História ainda vai dar cabo de nós com o politicamente correcto e o marxismo cultural. Nem pensem que me obrigam a ter de carregar no botão do comando para passar por cima e uma explicação histórica antes de poder ouvir, mais uma vez: “*Frankly, my dear, I don’t give a damn.*”

alexandre.martins@publico.pt



## Opinião

# No país dos abacaxis



### O Tigre de Papel Fernando Sobral

**E**m Março de 1957, o chanceler alemão Konrad Adenauer entrou, triunfal, no Bundestag, empunhando uma banana. Não estava com fome. Era um sinal de vitória. Para assinar o Tratado de Roma, que instituiria a Comunidade Económica Europeia, a República Federal Alemã colocara uma condição. Os alemães poderiam importar bananas da América Central, que eram maiores, não tendo de se contentar com as mais pequenas e doces, que vinham das antigas possessões francesas. Não era um êxito qualquer. As crianças alemãs eram alimentadas a bananas. Estas eram o símbolo da nova Alemanha trabalhadora. O fruto desejado.

Em 2020, nenhum político entrará no Parlamento português empunhando uma banana. Ou um bacalhau. Mas não nos podemos espantar se, daqui a uns meses, o sr. António Costa entrar na Assembleia da República, carregando um anafado saco de euros e declarar que a pátria está salva. A seguir, chegará o sr. Siza Vieira com um abacaxi na mão e mostrará como cortá-lo em pedaços. Pataca a mim, pataca a ti. Tudo para salvar Portugal da crise e, claro, ganhar as próximas eleições. Um suculento abacaxi tem, como se sabe, dois benefícios alimentares: permite adoçar a boca dos eleitores e também das clientelas. O sr. António Costa quer que o abacaxi coincida com o plano estratégico para o futuro da economia portuguesa, a ser desenhado pelo sr. António Costa Silva. É um desígnio empolgante. Há centenas de anos que o país anseia por algum planeamento. O que lhe é oferecido, ano após ano, é uma coisa mais comezinha: vai planando. Voamos sobre os problemas, porque outros valores mais altos se levantam sempre. Portugal é o país da passarola.

Todos os pretensos planos têm parecido uma espécie de ovo de chocolate da Páscoa: bonitos por fora e ocios por dentro. Prometem-nos brindes, mas estes saem sempre aos mesmos. Seria surpreendente que este planeamento patrocinado pelo sr. António Costa não fosse só de reconstrução económica. E fosse também de reconstrução ética. A questão, porém, é que nada deverá mudar. Tudo acabará por resumir-se à distribuição dos abacaxis. Sente-se já o apetite de muitas bocas para tanto fruto disponível. As contas far-se-ão no fim, mas o processo aparenta estar já inquinado à partida. Se o sr. António Costa



### O génio das cativações

Depois de termos visto todas as séries da Netflix e da HBO, a realidade volta a superar a ficção. Regressou o futebol e uma certa política renasce. No meio da confusão geral, o país muda de ministro das Finanças como se fosse um piquenício de velhos conhecidos para comer umas bifanas. O sr. Centeno vai-se embora e o sr. Leão ocupa o seu gabinete. Há uns tempos, o sr. Centeno considerou o sr. Leão “o artifice das cativações”. Em Marte achou-se que era um elogio. Não vislumbramos o porquê. Pelos vistos, o sr. Leão foi o maior responsável por, durante anos, se drenarem recursos de diferentes sectores, a começar pelo asfíxiamento do SNS. Até para se contratar um par de mestres para operar os barcos que navegam no Tejo era obrigatória autorização das Finanças. E tudo para que o OE estivesse a caminho do santificado superávit. O último episódio desta espécie de série *Friends* é agora desvendado: no OE suplementar há mais 504 milhões de euros para despesas do SNS; para o Novo Banco, onde gestores são aumentados e recebem bónus, apesar dos prejuízos, houve 850 milhões. Como não defender a excelsa política de “cativações” do sr. Centeno e do sr. Leão?

Silva vai desenhar um plano estratégico, no qual está a trabalhar há mais de um mês, não se compreende as palavras do sr. Mário Centeno: “Nunca falei com ele [Costa Silva] na vida.” Julgava-se, talvez erradamente, que num plano destes o diálogo entre estratégia económica e tática orçamental seria importante. Não o parece. Pode ser que, entretanto, o sr. João Leão conheça o sr. Costa Silva. Ou o tenha avistado numa qualquer rua de Lisboa. Depois, para sublinhar que o pretense planeamento tem de se adaptar aos dogmas já existentes, o sr. António Costa veio reafirmar que o desastre ambiental que é o aeroporto do Montijo vai mesmo avançar. Isto antes de se perceber qual será o futuro da aviação comercial nos próximos anos. Ou seja, para quê fazer um plano estratégico? Qual é, afinal, o papel do sr. António Costa Silva? Terá mesmo algum?

No fundo, o abacaxi da Europa e o plano estratégico são duas faces da mesma moeda. A questão é como se repartir, e por quem, os milhares de milhões de euros que vêm da Europa. De resto, tudo continuará como dantes. É uma pena. Certos apoios, necessários, deveriam ser equilibrados com um horizonte estratégico. Dificilmente o serão. Fenómenos como a desglobalização, a robotização dos processos industriais e a sua influência sobre o emprego, a alta vulnerabilidade do turismo, ou a importância das PME serão faladas. Mas depois tudo será esquecido. O “agora é que é!” soa a um velho disco de vinil riscado. Porque, entre nós, sempre se preferiu a renda ao risco. Muitos dos que nasceram, cresceram e singraram neste situacionismo estão certos disso. Num país que gosta de construir elefantes brancos como obras de regime, há sempre dinheiro para alguns. Os que guiam as renas do Pai Natal. Os senhores dos abacaxis.

Nos últimos dias, um dos motivos de comoção nacional tem sido o crocodilo do Nilo que teria aparecido no rio Douro. Que, afinal, poderia ser uma lontra. Este é um mistério tão grande como o do planeamento nacional. Apesar de alguns garantirem que o viram, desapareceu e diluiu-se como uma aspirina efervescente.